

CARMEN MARIA AGUIAR

*Educação, Cultura e Criança*

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1991

91.1.46.16

UNICAMP  
BIBLIOTECA GERAL

CARMEN MARIA AGUIAR

Este exemplar corresponde à redação  
final da Dissertação defendida por  
Carmen Maria Aguiar e aprovada pela  
Comissão Julgadora em 24.10.91

---

Data: 24/10/91

Assinatura: António Buiça

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO na Área de Concentração: Ciências Sociais Aplicadas à Educação. Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka. †.

Comissão Julgadora:-

*Alina A. Smith*

*[Signature]*

*Ana Luiza Borda*

... um percurso de encantos e desencontros ...

... traçado por desencantos e encontros prá mim e para tantos ...

... como Ana Luiza amiga e companheira. Brandão poeta. Suely, mulher de garra e fibra. Elisa encantadora, crente na vida como o mágico Jorge Tápia. Luiza Faccio grande alfabetizadora de adulto;

... Maria Bárbara batalhadora desconhecida; Margarida, Rinaldo, sempre dispostos. Pintinho conhecedor das trilhas goianas. D. Celso e D. Tomás Balduino. Meire e Bete sempre acreditando. Maria Alice paciente guerreira. Polinha cheio de surpresas;

... Marina, Santana, Marias, Isabel, Alice, Francisca, Fidelis, Orácio, Rosa, Nair, João, Isolina, Xana, Dosanhos, Félixes, José, Danúbia, Mariquinha, Deusa, Deusi, Fia, Sebastião, Neide, Neusa, Cleusa, Francisco, Adão. Todos que encaram os olhos do ser, com surpresa e carinho;

... o povo da Barra

... todas as crianças, cada uma delas, e "meus trem".

Uma comunidade semi-isolada e praticamente auto-suficiente, vivendo no Estado do Tocantins. O inevitável conflito de terras com os novos vizinhos, fazendeiros atraídos pela valorização da região onde começa a ser implantada a nova capital do Estado. À medida em que aumenta o contato desse povo com o mundo exterior, agrava-se o choque cultural. Nesse ambiente, uma escola municipal é implantada na comunidade, sem levar, minimamente, em conta as especificidades do seu modo de vida e as diferenças em relação aos seus vizinhos sertanejos. Este trabalho procura traçar um perfil cultural desse povo e confrontar os procedimentos adotados pela escola com a forma, já arraigada em seus hábitos, de transmissão de conhecimentos -- uma relação informal entre artesão/mestre e aprendiz, baseada na empatia e tendo como objetivo fundamental o ensino de atividades práticas essenciais para a sobrevivência do grupo.

## INDICE

INTRODUÇÃO: História da Pesquisa .....	1
PARTE I: BREVE DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA .....	13
CAPÍTULO I: QUEM É O POVO DA BARRA .....	14
I.1. Localização Geográfica .....	15
I.2. População e Identidade .....	18
I.3. História do Povo da Barra: Na Terra se Assenta a Vida .....	20
I.4. O Mundo Exterior .....	25
CAPÍTULO II: MORADIA E MODO DE VIDA .....	27
II.1. Moradia .....	28
II.2. A Vida Social .....	30
II.3. Agricultura e Hábitos Alimentares .....	34
II.4. Artesanato: A Arte Prática .....	37
II.5. O Ritual Católico .....	45
CAPÍTULO III: COTIDIANO E CRIANÇAS .....	56
III.1. O Cotidiano .....	57
III.2. As Crianças .....	64
PARTE II: CRIANÇAS, EDUCAÇÃO E CULTURA .....	67
CAPÍTULO IV: EDUCAÇÃO NA BARRA .....	68
IV.1. A Educação como Modo de Aprecensão da Cultura ...	69
IV.2. Fases e Faixas se Misturam .....	81
IV.3. Formas de Trabalho no Grupo .....	85
CAPÍTULO V: ESCOLA NA BARRA .....	100
V.1. Antecedentes e Alfabetização .....	101
V.2. A Prática Escolar .....	107
V.3. Formal ou Informal? .....	113
V.4. Relação de Ensino: Um Depoimento .....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	127
NOTAS .....	130
BIBLIOGRAFIA .....	134

## INTRODUÇÃO: História da Pesquisa

A vida do "povo da Barra" -- é assim que os vizinhos se referem às pessoas da comunidade abordada neste trabalho -- está passando por grandes mudanças ao longo dos últimos anos. Esta população, que até há pouco tempo atrás conseguia manter uma significativa autonomia econômica -- através do extrativismo, da caça e da agricultura em suas próprias terras -- tornou-se de certa forma acuada. Além da perda de parte de suas terras para fazendeiros, hoje seus vizinhos, as intensas transformações observadas nessa região -- especialmente após o início da implantação, nas proximidades, da cidade de Palmas, capital do novo Estado do Tocantins -- estão cada vez mais desfigurando sua cultura e identidade étnica originais.

Grande parte da sua cultura ainda está preservada devido ao relativo isolamento em que vive esse grupo praticamente auto-suficiente e avesso a quase tudo que não faça parte do seu mundo. Esse distanciamento é tal que houve poucas tentativas de aproximação por parte dos vizinhos, e quando houve, a iniciativa foi rejeitada. Ainda hoje existem muitas histórias e fantasias a seu respeito, principalmente em relação à moral, modo de vida, suas moradias e religião.

As enormes dificuldades encontradas para levar esta pesquisa a termo -- geradas tanto pela desconfiança e receio manifestados, no princípio, pelos membros do grupo, quanto pelas pressões dos fazendeiros que tentam ocultar os conflitos



existentes pela posse das terras -- tiveram o efeito contrário de tornar o trabalho mais estimulante.

Os estranhos são, a princípio, inimigos para esse povo arredio, desconfiado, "parecido com os bichos" como afirmam os fazendeiros vizinhos. De fato, a primeira impressão que se tem ao chegar à Barra da Aroeira, local onde moram as pessoas da comunidade abordada neste trabalho, é que se está entrando num reduto escondido do tempo, onde habitam seres hostis, de olhares pouco convidativos, quase ameaçadores.

Com o passar do tempo, a convivência se encarregou de mostrar que a agressividade inicial com os estranhos traduz uma forma de defesa contra as pessoas que representam uma cultura que está lhes tirando tudo o que afirmam ter de maior valor: as terras onde vivem e a relativa tranquilidade de uma vida em harmonia com a natureza, na qual sempre encontraram a comida, a roupa e o abrigo.

Justamente o que chamaria de "inacessibilidade" desse povo -- suas diferenças culturais, que induzem os vizinhos a compará-los aos bichos e o fato de levarem uma vida praticamente isolada -- tocou primeiro o lado antropológico da minha formação. Depois de algumas tentativas frustradas de aproximação, foi necessária a interfeência de Dom Celso, bispo de Porto Nacional, a maior cidade da região, e a colaboração das freiras, que passaram a dar assistência à comunidade depois de iniciados os conflitos entre esse povo e seus vizinhos fazendeiros, para que os moradores da Barra se dispusessem a deixar que a pesquisadora ao menos

expusesse os propósitos do seu trabalho.

Na minha primeira visita "oficial" à comunidade, quando levei uma carta de apresentação de Dom Celso, foi realizado um verdadeiro ritual de aceitação. Primeiro uma reunião com vários membros da comunidade, onde leram a carta, interrogaram-me sobre minhas intenções e, aparentemente satisfeitos com as explicações, formalizaram sua aceitação através de uma espécie de cumprimento individual: cada participante se levantava, se aproximava da pesquisadora, abraçava levemente e murmurava qualquer coisa incompreensível. Uma situação que nos faz lembrar Turner (1974)<sup>1</sup> em seu estudo sobre o processo ritual: "... A chegada de estrangeiros ... tem contra-ofensiva atos de reforço da coesão social local: os habitantes fogem da aldeia e se refugiam em lugares bem definidos, morros, florestas; ou então fecham as portas ...; ... o chefe vai sozinho ou com seus guerreiros, ao encontro dos estrangeiros; ... em outros lugares enviam-se intermediários especiais ... Por outro lado (salvo os casos de exceção política), os estrangeiros não podem penetrar imediatamente no território da tribo ou da aldeia. Devem comprovar de longe suas intenções e sofrer um estágio ... É a fase preliminar, que dura um tempo mais ou menos longo ... com a troca de presentes ... etc. Finalmente, a cerimônia termina por ritos de agregação ... apertos de mão, etc." É importante destacar aqui, que o recurso da reunião como instrumento para se tomar decisões foi introduzido recentemente na cultura do povo da Barra, depois da intensificação do contato com o mundo exterior.

Depois da reunião, alguns membros da comunidade me acompanharam numa visita a todas as casas do povoado central que hoje lá existe; rara oportunidade de observar seu comportamento frente a estranhos: reservado, sem brincadeiras -- estas, aliás, verificou-se depois, muito comuns no seu dia-a-dia -- e a fala sempre reticente e vazia de informações.

O fato de ter nascido no mesmo estado (na época das primeiras visitas, o estado do Tocantins ainda não existia) e a minha intimidade com os nomes e tipos de plantas e frutos do cerrado, facilitaram enormemente o relacionamento nas visitas futuras à comunidade -- cerca de três por ano entre 1987 e 1991. O fato de ser nativa da região facilitou também a compreensão das várias circunstâncias que envolvem os conflitos de terras, e deixou-me numa situação de tradutora privilegiada dos dizeres, gestos, meias palavras, metáforas, enfim, das formas muito particulares que o povo dessa região central do país usa para se expressar. É importante lembrar aqui que muitas das informações, especialmente no início da pesquisa, foram conseguidas com a vizinhança do povo da Barra.

O procedimento metodológico adotado, em grande parte fundamentado em depoimentos e entrevistas, impôs certos limites ao tratamento das informações adquiridas, determinando não só algumas considerações feitas na primeira parte do trabalho, como o desenvolvimento da própria pesquisa. Não fazia parte dos objetivos da pesquisa uma dissecação, até as últimas consequências, dos variados aspectos culturais que deram corpo à

etnografia (primeira parte do trabalho). Esta deveria servir apenas como lastro, base para uma contextualização, das observações sobre a prática da educação (segunda parte). Depois, mais importante que minhas conclusões sobre qualquer "realidade objetiva" era a observação e registro do modo como o próprio povo da Barra percebe e interpreta seu mundo, sua cultura. Além disso, checar algumas informações -- tanto as fornecidas pelo grupo quanto pelas comunidades vizinhas, particularmente as referentes aos conflitos de terra -- até a descoberta de alguma possível verdade obscura exigiria um adicional de tempo e, especialmente, de recursos financeiros incompatíveis com as perspectivas do trabalho. Vale também considerar que a pesquisa (realizada numa região distante de Campinas e de difícil acesso) foi integralmente financiada com recursos da própria pesquisadora.

É difícil até hoje, depois de um intenso contato com essa comunidade, definir como encaram este trabalho de pesquisa. No princípio, depois de quebrado o gelo inicial, e interpretando a seu modo o endosso dos padres e freiras, os moradores mais ativos "politicamente" receberam-me quase como "companheira de luta", denominação extraída da convivência desse povo com membros do sindicato rural. Melhor diria, fui adotada como aliada, como se acreditassem que o registro de sua história pudesse ajudá-los a preservar suas terras e seus costumes. É curioso notar que, apesar da aparente incompreensão a respeito do significado de tal trabalho de pesquisa, os membros da comunidade sempre se prontificaram a "ler", ouvir e corrigir qualquer texto

produzido por mim sobre sua história ou seu modo de vida.

Com o passar do tempo, essa visão utilitária sobre a pesquisa deu lugar a uma relação mais afetiva e mais cúmplice. As mulheres passaram a me tratar até como comadre e já conversavam naturalmente sobre assuntos íntimos. As minhas visitas à comunidade adquiriram um caráter bastante informal, como se o tempo tivesse apagado da memória desse povo qualquer relação entre a pesquisadora e a pesquisa anunciada inicialmente.

Tornou-se corriqueira minha participação nas atividades sociais, políticas e religiosas do grupo -- festas, brincadeiras, caminhadas para coleta de frutos no mato, banhos no rio, confecção de artesanatos, afazeres domésticos, como descaroçar, cardar e fiar o algodão, visitas à casa dos moradores mais distantes do aglomerado central etc. Essa relação evoluiu a tal ponto que, quando os moradores associavam a falta de perguntas a um possível desinteresse da minha parte, tratavam logo de incentivar-me: "num vai ispiculá nós?" (não vai nos fazer perguntas?).

Procurei sempre evitar as perguntas diretas, tanto para os moradores da Barra quanto para as pessoas das comunidades vizinhas. Primeiro porque a experiência com pessoas desse sertão já havia provado que as respostas eram, em geral, pouco confiáveis; variavam de acordo com interesses circunstanciais. E, no caso específico da Barra, o tempo se encarregou de mostrar que as primeiras versões (dos moradores) apresentadas sobre qualquer assunto refletiam uma significativa dose de dissimulação frente ao

estranho, possivelmente um invasor.

Mesmo levando em conta todas essas restrições, foram coletados vários depoimentos dos moradores da Barra, dos fazendeiros vizinhos, de membros das comunidades vizinhas, de alguns políticos da região, de funcionários da Superintendência da Campanha da Saúde Pública (Sucam) -- que vivem percorrendo a zona rural --, de membros do Sindicato Rural da região, da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Igreja. Essa evolução da pesquisa se traduziu num significativo acréscimo na quantidade, na qualidade e, principalmente, na confiabilidade das informações obtidas.

No decorrer deste trabalho, cada palavra representa uma tentativa de grafar imagens e quadros, observados atentamente para que detalhes significativos não fossem desprezados. Detalhes que poderiam ajudar a desvendar pelo menos parte do segredo tão bem guardado entre as águas verdes do rio das Balsas e as águas azuis do rio do Sono. Águas incansáveis, protegendo a serra Negra e uma barra de Aroeira -- estas, barreiras finais que mais de perto resguardam, cercam e limitam as terras de um povo cuja cultura será abordada neste estudo.

Por que grafar imagens?

Registrar depoimentos dos moradores da Barra da Aroeira era tarefa quase impossível. A fala mais comum dessas pessoas é entrecortada, permeada por grunhidos e palavras incompreensíveis. Foi preciso um esforço especial, tanto da minha parte quanto dos entrevistados, para que alguns depoimentos mais longos fossem anotados e transcritos do modo mais fiel possível.

Usar gravador, impossível. As pessoas simplesmente se calavam diante do estranho aparelho. Reação parecida frente à máquina fotográfica; poucas pessoas se aventuraram a uma fotografia.

A observação participante, associada a frequentes conversas informais (entrevistas), se mostrou, enfim, o procedimento mais adequado para a coleta de informações. Registradas todas num inseparável, talvez insubstituível, diário de campo -- que se revelou o mais eficiente instrumento de registro e checagem das informações. Foi necessário ler e reler frequentemente as anotações, voltar ao diário de campo para checar palavras, dizeres, histórias faladas ou contadas em contextos variados. Nessas releituras, muitos registros ganharam novas conotações, novas interpretações, pretensamente mais fiéis à realidade da dinâmica das relações sociais observada. Impossível escapar do conflito, anotado por Brandão (1982)<sup>2</sup>, entre a tentativa de registrar, no diário de campo, informações que pudessem responder a questões teóricas objetivas da Antropologia e a tentação de anotar sentimentos, emoções, "relatos de vivências dos momentos mais livres e afetivos", "folhas de uma fala oculta".

Este trabalho foi dividido em duas partes principais. Na segunda parte foram abordadas as questões consideradas relevantes que envolvem a prática da educação, tanto a informal quanto a formal, entre o povo da Barra. Mas para compreender melhor a dinâmica das relações entre os membros dessa comunidade, era preciso descrever, ao menos sucintamente, numa primeira parte, o modo de vida da população, sua história, sua

forma de organização social e cultural, a ocupação do espaço físico, suas casas, a alimentação e a agricultura, o artesanato e as práticas religiosas.

"... Não é possível prender-se estritamente às categorias "próprias" da cultura estudada, pois o etnógrafo sempre seleciona e ordena o "observável", a partir de sua própria conceituação do objeto estudado. Este fato inevitável não torna menos "objetiva" a etnografia, como suporiam alguns. Não invalida, por ser "subjéctiva" ou "relativista", a descrição etnográfica ... que melhor expressa e dá conta das relações e dos processos particulares estudados, é consequência do trabalho teórico e não a "matéria-prima" para começar a fazê-lo. Ao adotar a etnografia no campo educacional, é importante não aceitá-la como uma simples técnica, mas antes tratá-la como uma opção metodológica, no sentido de que todo método implica uma teoria." (Ezpeleta, 1989)<sup>3</sup>

A descrição etnográfica adotada na primeira parte segue o roteiro natural de um chegante, resumindo as visitas feitas desde 1987 -- quando foi iniciado um levantamento das condições econômicas e sociais do grupo -- até 1991. Começando pela localização geográfica e dificuldades de acesso ao local, que por si mesmas se incumbem de mostrar algumas faces típicas da região. Habitada por uma pequena e esparsa população, vivendo como num tempo à espera do tempo passar. Tempo para se contar histórias e criar fantasias. Como as que contam as pessoas, que moram nas



proximidades, sobre o povo da Barra da Arcoeira. Elas mesmas confessam, afinal, que foram poucos os que realmente já se encontraram com algum morador da Barra, mas não deixam de associar as pessoas do grupo a seres estranhos, preguiçosos, feiticeiros, ateus, violentos, promíscuos e por aí afora.

Para o povo da Barra -- como, de resto, para grande parte da população rural -- a terra é onde se pode assentar a vida. O mundo exterior representa apenas uma ameaça à sua sobrevivência, nada que possa lhes trazer proveito. E grande parte das diferenças em relação a esse mundo estão marcadas em sua organização cultural, na divisão interna de suas casas, na agricultura e hábitos alimentares, na religião e nos artesanatos. Claro que há semelhanças, mas muito menos marcantes que as diferenças. Como seus vizinhos sertanejos, por exemplo, tiram o açúcar da cana e fazem sabão com resinas vegetais, frutas e gordura animal. Não produzem, entretanto, como seus vizinhos que estocam, uma quantia superior às suas necessidades imediatas.

Na segunda parte deste trabalho, a observação do cotidiano da comunidade foi filtrada pela ótica da Educação. Uma boa razão para a adoção desse prisma está ancorada num aspecto importante da vida desse povo: a intensa participação das crianças em praticamente todas as atividades do grupo. Além disso, o confronto entre as duas formas de transmissão de conhecimento -- a tradicional, no sentido da cultura já enraizada nos costumes desse povo, e o ensino escolar, adotado sob pressão e implantado aos tropeços -- não poderia deixar de estimular o interesse de uma

educadora.

Para o povo da Barra, tanto a transmissão informal de conhecimentos (denominação aqui utilizada para caracterizar os trabalhos desenvolvidos fora da escola), praticamente toda voltada para atividades práticas, quanto o ensino chamado formal (as atividades desenvolvidas na escola), diversas vezes interrompido desde a recente implantação de uma escola na Barra, são delineados dentro um sistema de regras bastante maleáveis. Ou seja, os limites entre a formalidade e a informalidade na transmissão ou na aquisição dos conhecimentos são visivelmente flexíveis.

Considerando as amarras indissolúveis que ligam o processo de transmissão de conhecimentos e a cultura de um povo, este trabalho procura explorar essa articulação entre a Antropologia e a Educação, ao contar um pouco da história e ao traçar as principais características culturais dessa comunidade, obrigada pelas circunstâncias a encarar uma forma de ensino radicalmente estranha aos seus costumes.

Nesse contexto, a vida e educação das crianças merecem destaque especial, diferentemente de inúmeros estudos na área da Antropologia, onde raras vezes -- como nos trabalhos de Mead<sup>4</sup> -- as crianças são tratadas como protagonistas. Uma omissão injustificável diante da evidente importância das crianças como elo que viabiliza a transmissão dos conhecimentos e, de certa forma, assegura a sobrevivência de uma cultura. Principalmente se considerarmos os povos que utilizam apenas o recurso oral para a transmissão de seus conhecimentos.

Diferentemente das culturas onde a prática do ensino começa com a divisão das crianças por faixa etária, entre o povo da Barra fases de desenvolvimento e faixas etárias se misturam, não apenas nas atividades diárias como na própria aplicação do ensino escolar. Na tentativa de elucidar variados aspectos do seu cotidiano, envolvendo sempre a participação das crianças, foram observadas diferentes atividades do grupo: a modelagem do barro, a confecção de utensílios de palha, a tecelagem etc.. Mudavam as atividades, mas a forma de organização dos grupos era sempre parecida. Raras atividades -- como benzer, curar ou o trabalho da parteira --, pela sua própria natureza, são encaradas de forma diferenciada.

Diante da eficiência -- refletida, em grande parte, na excepcional habilidade dos membros da comunidade em executar seus trabalhos artesanais -- dessa transmissão e aquisição de saberes, passados dos mais velhos para os mais novos, um educador não poderia deixar de compará-la à educação formal na Barra da Arcoeria, observando seus antecedentes e a própria prática escolar. O último capítulo deste trabalho procura justamente mostrar as dificuldades desse processo de implantação de uma escola num contexto cultural, cuja principal característica é a busca diária de solução para problemas imediatos de sobrevivência.

PARTE I

BREVE DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA

CAPITULO I  
QUEM É O POVO DA BARRA

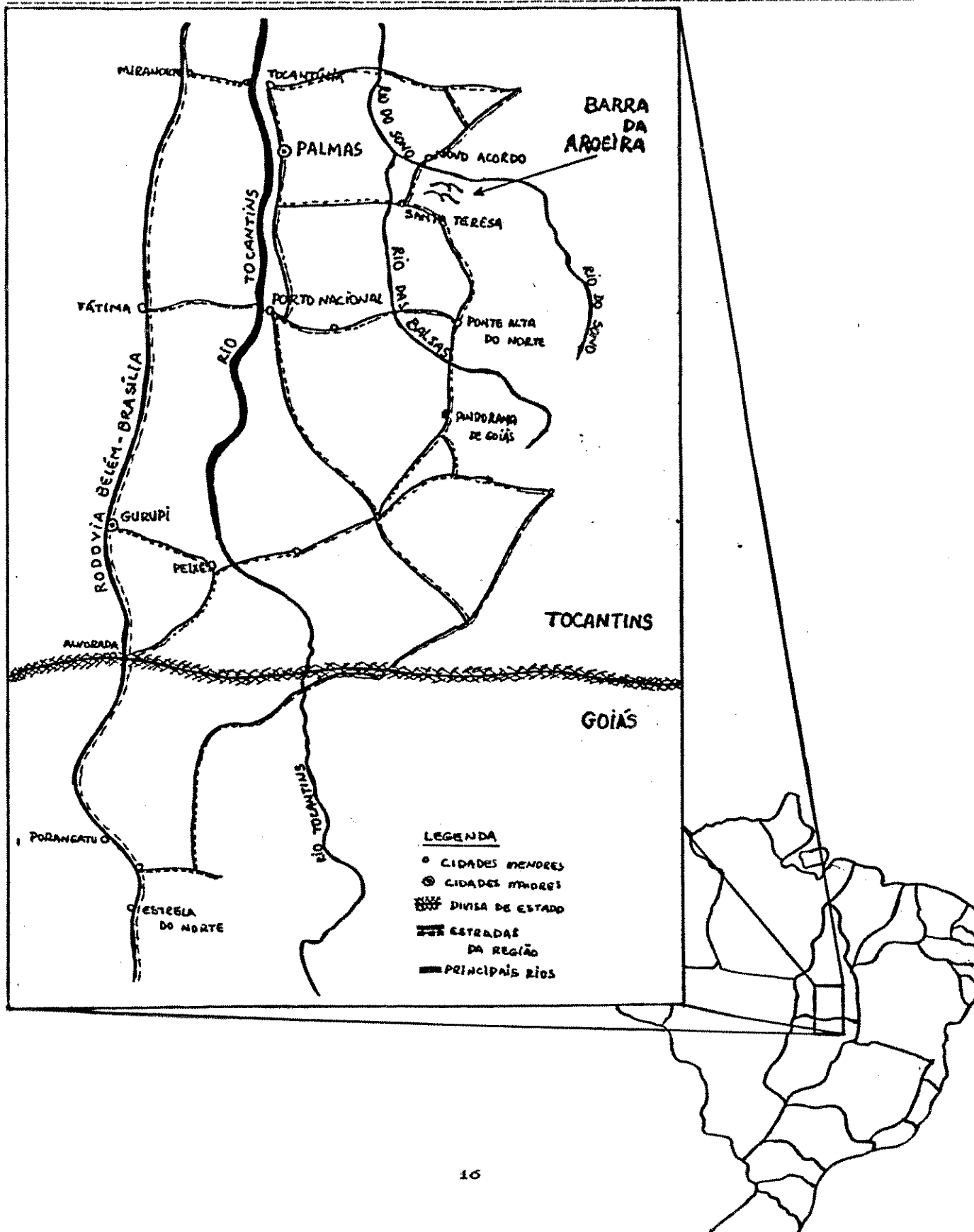
## I.1. Localização Geográfica

A Barra da Aroeira fica no município de Novo Acordo, a aproximadamente 1600 km ao norte de Brasília (DF), no sudeste do Estado do Tocantins (ver mapa na página seguinte). Esse local, assim chamado devido à uma enorme mata de pura aroeira<sup>5</sup> que forma um verdadeira barra no pé da serra Negra, faz parte das terras que o povo da Barra afirma lhes pertencer historicamente.

Os limites dessas terras, descritos pelos próprios moradores da Barra da Aroeira, são formados pelo Rio das Balsas, Rio do Sono e pelos córregos Boa Vista, Juá, Tamburim, Funil, Lageado, Cambaúba, Brejo dos Padres, Caracol e Cutilada. Além de uma serra que também compõe a divisa de suas terras, denominada Serra Negra, conforme afirmam os moradores da Barra, ou Serra Branca, segundo o mapa utilizado por funcionários locais da Sucam (Superintendência da Campanha de Saúde Pública), ao qual a pesquisadora teve acesso por apenas alguns minutos.

Essa dificuldade em obter informações precisas, a contradição entre os mapas, a má vontade evidente de políticos e fazendeiros da região no que diz respeito a qualquer assunto relativo ao povo da Barra, fazem parte de uma guerra política, psicológica e, às vezes, até armada, que se trava na região em torno de uma velha questão brasileira — o conflito de terras (ver item História do Povo da Barra).

Mapa Resumido da Região



Nesta região é raro aparecer uma pessoa que não seja do lugar. O ônibus, que sai apenas uma vez por semana de Porto Nacional -- importante cidade situada à beira do rio Tocantins -- percorre 180 quilômetros até a pequena cidade de Santa Teresa -- entroncamento de onde se vai à pé mais 30 quilômetros até a Barra da Aroeira. A viagem de ônibus, quando não há paradas forçadas por problemas mecânicos, dura em média 10 horas. O único movimento nos lugarejos onde o veículo faz algumas das suas paradas fica por conta das poucas pessoas que chegam para pegar alguma encomenda ou trazer algum recado. Como a maioria dos usuários costuma fazer percursos curtos, a viagem, excessivamente entrecortada, parece infundável.

Acrescentando-se um sol inclemente que torna os 30 ou 35 graus uma marca comum nos termômetros, temos uma receita infalível de uma viagem demorada e estafante. A única refeição durante esse trajeto só é possível em uma das três pequenas cidades por onde o ônibus passa -- Buritiana, onde os moradores colocam duas mesas embaixo de duas árvores separadas para que os passageiros possam tomar um café com biscoito.

A estrada sem pavimentação não resiste ao longo período de chuvas, que deixam vários trechos totalmente destruídos. E a inexistência de pontes na maioria dos córregos que existem nesse percurso significa, muitas vezes, o fim da viagem devido à impossibilidade de se atravessar pela água.



## I.2. População e Identidade

O povo da Barra é constituído por um grupo de aproximadamente 400 famílias. A unidade familiar é composta, em média, por cerca de quatro a cinco pessoas, ou seja, pai e mãe e mais dois a três filhos, ao contrário da população analisada por Moura (1978)<sup>6</sup>, em que "filhos numerosos são uma exigência na relação conjugal". Cada unidade mora em sua própria casa, construída pouco antes do casamento. Dificilmente mais alguém vive junto. Avós ou pessoas viúvas moram, em geral, em suas próprias casas.

Na Barra, a afirmativa de que "aqui tudo é parente" também toma uma conotação diversa da observada por Moura (1978)<sup>6</sup>. Os elos sociais e sanguíneos que ligam os moradores da Barra expressam parentesco. O sobrenome único e comum adotado por eles é Rodrigues, o mesmo do precursor dessa comunidade.

É difícil classificar essa população por faixas etárias, já que afirmam não possuir nenhuma espécie de registro de nascimento. Mas a expectativa de vida não parece ser muito alta, a julgar pelo pequeno número de pessoas obviamente mais idosas. Ao mesmo tempo, é visível o elevado número -- provavelmente a metade da população -- de crianças e jovens com idade aparente inferior a quinze anos.

São descendentes de negros -- a cor varia entre a negra e a parda -- com os traços básicos dos africanos. As canelas finas, os pés curtos, largos e achatados na frente; os olhos

pequenos e arredondados, negros num fundo amarelado; o nariz achatado e os lábios grossos; uma estatura baixa, de 1,50 metros em média; o cabelo é pixaim (crespo).

É interessante observar a postura corporal costumeira das pessoas do grupo. Andam com o corpo um pouco curvado, com os joelhos levemente dobrados. São capazes de ficar horas acocorados, fazendo comida numa trempe<sup>7</sup>, tecendo uma seda de buriti<sup>8</sup>, apanhando um objeto de um lado e de outro com uma criança no colo. Carregam pesos no alto da cabeça, outro nas mãos, sem perder o ritmo de seus movimentos e passos. Como os índios, são capazes de caminhar a passos largos, rápidos e constantes, no meio do mato, uma média de 60 km num dia. Às vezes, saem de casa com o nascer do sol e só param quando ele está se pondo. Essa agilidade e essa resistência foram aprimoradas pelos seus próprios hábitos, baseados na constante necessidade de percorrer longas distâncias para encontrar frutos silvestres ou perseguir alguma caça.

Com o algodão, cultivado por eles mesmos, tecem suas roupas, redes etc.. Não possuem um tear com pentes diversificados, de modo que as cores dos tecidos são as do próprio algodão, o ganga<sup>9</sup> e o branco. Como muitos de seus hábitos, suas vestes também sofreram muitas modificações depois que foi intensificado o contato com as comunidades vizinhas (ver ítem O Mundo Exterior).

Hoje também se vestem com roupas comuns -- calças, camisas, vestidos -- rústicas e puídas. Antes, as mulheres usavam apenas túnicas largas, sem mangas e golas, e os homens, calças

largas e curtas, todas feitas de algodão, costuradas à mão com agulhas feitas de taboca<sup>10</sup>. É importante ressaltar o fato de que não utilizam nenhum tipo de adereço ou enfeite em suas roupas.

Aliás, não enfeitam também os seus corpos. O corte dos cabelos, tanto dos adultos como das crianças, homens e mulheres, é muito curto, combinando com o rosto sem pintura e as orelhas sem brincos. O espelho, objeto comum entre os sertanejos vizinhos da região, não é conhecido por grande parte dos moradores da Barra.

### 1.3. História do Povo da Barra: Na Terra se Assenta a Vida

Antes da entrada de fazendeiros na área, os moradores da Barra da Aroeira conviviam apenas com membros da própria comunidade, com uma certeza: a posse dessa terra, onde moram, que lhes fora outorgada pelo Imperador Dom Pedro II, por ocasião da Guerra do Paraguai. Lá, Félix José Rodrigues, escravo já libertado, foi convocado para lutar. Quando esse "voluntário da Pátria" retornou, foi-lhe concedido o direito de escolher algo de que se julgasse merecedor. Dentre as ofertas estavam incluídos ouro, dinheiro, terras e pedras preciosas.

Ele optou pela terra. Segundo os seus descendentes -- que contam essa história -- essas terras foram procuradas em diferentes pontos do Brasil, mas foi nessa região, que hoje pertence ao Estado do Tocantins, que Felix José Rodrigues,

juntamente com outros pioneiros, escolheu para morar e criar sua família.

Um dos principais motivos para a escolha de um local praticamente inacessível naquela época, segundo alguns depoimentos de moradores da Barra, era a proteção contra a cobiça por suas terras, a defesa contra a grilagem -- o que hoje não estão conseguindo evitar.

Afirmam também que, até há alguns anos atrás, possuíam um documento que lhes conferia o direito sobre essas terras e que esse documento foi queimado durante um dos confrontos com os fazendeiros interessados em suas terras. Não há consenso a respeito de tal documento. Os fazendeiros evidentemente afirmam desconhecer sua existência. Algumas pessoas ligadas ao trabalho pastoral da Igreja dizem que um advogado já tentou encontrar o registro de tal documento mas achou a página do livro arrancada. Essa confusão a respeito da existência de tal documento trouxe a insegurança permanente desse povo em relação ao direito sobre suas terras. A pressão dos fazendeiros aumentou ainda mais, o que acabou levando alguns poucos até a "venderem" a parte onde moravam, a área que estavam ocupando dentro dessas terras.

Alguns desses fazendeiros também argumentam que, se tal área foi de fato doada ao povo da Barra, isso aconteceu "numa época em que o Brasil não tinha dono" e era preciso ocupar as áreas mais desabitadas. A opinião destes fazendeiros pode ser resumida na afirmativa de um deles: "Aquele povo não pode querer ser dono daquela terra toda não; eles não trabalham".

Para os moradores da Barra, o fato de estarem ocupando a terra há "mais de 100 anos", e dependerem dela para a sobrevivência, os torna proprietários legítimos. Vários são os que expressam essa noção: "... nós tá aqui a vida intera, os avô dos pai dos tio já contava como era a vida des aqui. Nós tem que dá conta de defendê as terra prós que vai cresceno. Num dianta parecê dono que nós é que é dono" (Sr. F.).

As leis que regem o direito ao uso capeão, certamente favoreceriam a comunidade, a julgar pelo tempo em que afirmam explorar essas terras. Mas, é importante lembrar que são poucas, se for tomada como base a extensão de suas terras, as benfeitorias feitas pelo povo da Barra, já que vivem basicamente do extrativismo. Além disso, seria muito difícil encontrar algum fazendeiro da região disposto a depor a favor do grupo.

Já faz mais ou menos seis anos que os fazendeiros vem se instalando em suas terras, tornando inevitáveis o conflito e o confronto com o povo da Barra. Os mais velhos da comunidade atribuem aos mais jovens parte da responsabilidade pela perda da terra:

"os antigo, quano começô nessa terra, criano os fio, tinha motivo que fazia eles ficá quieto no lugá, sabia que era mió ficá longe dos moradores daqui de perto, que podia quarquê hora querê as terra. As coisa na vida é coma pranta, o tronco é sempre mais forte do que os gáio, as rama e os broto têm poco do que ganhô

do tronco. Os mais novo daqui, muitos achô fácil o achego cos fazendero; dispois, co medo das ameaça, uns até vendeu sua parte nas terra da fazenda aqui. Agora tão veno a burrada de dexá os fazendeiro entrar nessas terra, com a licença dos daqui. Isso acabo enguiçano mais a situação".<sup>11</sup>

De fato, no início, quando os fazendeiros, ou algum outro invasor, faziam um rancho<sup>12</sup> em suas terras, os moradores da Barra o queimavam, durante a noite, e afirmam que isso ocorria quando não havia pessoas lá dentro, de modo a não ferir ninguém. Uma técnica que funcionou por muito tempo para espantar os invasores que iam chegando.

Mais recentemente, entretanto, alguns membros mais jovens da comunidade, amedrontados, e, por que não, seduzidos, chegaram a receber dinheiro pelo "empréstimo" de suas terras para algum fazendeiro colocar algumas cabeças de gado ou plantar uma roça pequena. Depois de algum tempo, porém, viam-se obrigados a sair de suas terras, ameaçados pelo fazendeiro que não mais queria devolvê-las.

Convém ressaltar que, historicamente, o direito de propriedade de cada um sobre as terras onde moram sempre foi garantido pela própria comunidade, em qualquer caso. Mesmo quando alguém se mudava para a cidade, tinha o direito de voltar se quisesse; tudo seria encontrado exatamente como estava, sem que

alguém tivesse tocado, seja casa, planta, ou qualquer outra coisa.

Mais recentemente, entretanto, devido ao agravamento dos atritos com os fazendeiros interessados em suas terras, esses direitos começaram a ser questionados. Muitos dos moradores passaram a achar que não poderia haver igualdade de tratamento entre os que venderam sua parte a algum fazendeiro da região e os que nunca abandonaram suas terras.

Tal polêmica tem como pano de fundo o fato de nunca ter sido definida qual a parte de cada um na fazenda. Até então, as terras eram ocupadas, pode-se dizer, de forma natural pelos membros dessa comunidade. De acordo com suas necessidades de sobrevivência, cada um plantava ou ocupava determinada área, que passava a ser sua propriedade -- este conceito, é importante lembrar, não levava em conta a possibilidade de comercialização das terras.

Propriedade sempre significou, na verdade, apenas o espaço de ocupação de cada membro, respeitado por todos os outros. Espaço demarcado para a roça ou para o quintal ao redor da casa. O restante das terras da fazenda sempre foi considerado de uso coletivo. A noção de propriedade da terra é idêntica à descrita por Andrade (1989)<sup>13</sup> em Terra dos Índios, onde "o trabalho investido sobre a natureza confere direitos individuais permanentes, não sobre a terra, mas sobre o seu produto: casas, cercas ... confere ainda ... direitos individuais temporários, no caso de roçados, ou seja, das lavouras pertencentes a cada unidade doméstica, a cada ano agrícola. Por outro lado, quanto mais

próximo da natureza e menos presença de trabalho humano, menos direitos individuais são adquiridos". Na Barra, são considerados de domínio comum os abundantes frutos nativos, as enormes plantações de manga (que ocupam, segundo algumas avaliações, cerca de 50 hectares), de lima da pérsia, de babaçu, de piaçaba e de buriti, os rios, poços, a madeira das matas, os peixes e animais de caça etc.

#### I.4. O Mundo Exterior

Esses episódios, envolvendo principalmente o conflito pela posse das terras, acabaram por tirar do povo da Barra boa parte de sua auto-suficiência. Para defender seus direitos, tiveram que aceitar a ajuda da Igreja, da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da região, este último sediado na cidade de Porto Nacional.

Esse contato, raríssimo até então, com a cidade criou necessidades novas, praticamente inexistentes, para as pessoas do grupo. Passaram a precisar, por exemplo, de dinheiro, para as passagens e, às vezes, a hospedagem, como também de roupas, para não andarem semi-nus na cidade.

Tiveram, além disso, que mudar alguns hábitos já arraigados em sua cultura. O exemplo mais significativo talvez seja o fato de nunca terem feito, até então, reuniões "políticas". Com isso, uma nova e inusitada tarefa se impôs aos membros da



comunidade: escolher algumas pessoas para representá-los nas reuniões do Sindicato em Porto Nacional.

Os representantes do grupo frente ao Sindicato não têm, na verdade, nenhum poder de decisão; isso porque o grupo não acredita em representantes. Segundo eles, foi muito difícil encontrar alguém que aceitasse ser representante. Primeiro porque as pessoas não queriam; depois porque quando alguém se animava, os mais velhos diziam que

"as pessoas não dão conta de representar outras pessoas que não ele mesmo. Prá saber do gosto do outro é preciso deixar o seu querer e isso é muito custoso. Por isso tem que ficar com o cabresto na mão, prá guiar os representantes no rumo que é preciso".<sup>14</sup>

CAPITULO II  
MORADIA E MODO DE VIDA

## II.1. Moradia

As moradias mais antigas e tradicionais da Barra da Aroeira são feitas de pau-a-pique<sup>15</sup>, cobertas com folhas de piaçaba, uma palmeira nativa da região. Mais recentemente, entretanto, todo o processo de construção de suas casas começou a ser modificado, devido às queimadas no cerrado, no período da seca. Muitos, por muitas vezes, foram atingidos pelo fogo. E, por isso, algumas casas passaram a ser reformadas, e as mais novas já são feitas com adobe -- uma espécie de tijolo feito de barro cru -- e cobertas por telhas comuns, de barro cozido em grandes fornos à lenha; este material é todo feito por eles mesmos.

Os objetos domésticos são apenas alguns tamboretas, esteiras de palha, um fogão à lenha, colheres de pau e vasilhas de barro de todo tipo: para guardar água, para cozinhar ou para servir como pratos. Além das redes de algodão, onde estão habituados a dormir, adultos ou crianças. Raramente se encontra uma cama em alguma casa; esta é contruída oportunamente apenas para algum doente mais grave.

Alguns bancos de madeira dentro da casa servem para sentar e outros, os mais compridos, são usados para colocar seus utensílios gerais. Não têm o hábito de plantar flores na frente nem nos fundos de suas casas, não colocam enfeites no interior da casa nem nas paredes.

No interior de suas casas, quase sempre há poucas paredes dividindo o espaço. Muitas delas sequer têm as quatro

paredes externas; às vezes apenas duas servem de proteção contra o vento sul (mais frio). Algumas moradias são constituídas apenas de um grande barracão, sem paredes, com um pequeno "quarto" interno, onde a família dorme em dias mais frios.

Essa estrutura também passou por modificações mais recentes, lembrando o que Aries (1981)<sup>16</sup> anotou sobre as mudanças na organização das casas no século XVIII, que refletiam uma "nova preocupação de defesa contra o mundo". Justamente quando se intensificou o contato com o mundo exterior, quando "estranhos" passaram a aparecer com mais frequência, e quando, enfim, alguns moradores da Barra começaram a se aglutinar numa espécie de povoado, suas casas ganharam mais paredes externas ou internas, tornando seus ocupantes menos expostos.

A distribuição das casas e roçados dentro da fazenda onde moram obedecia, até há pouco tempo atrás, a uma estrutura semelhante à descrita por Queiróz (1973)<sup>17</sup> em Bairros Rurais Paulistas. Como nesses bairros, os moradores da Barra preferem construir suas casas muito distantes umas das outras, reservando sempre uma certa área ao redor para formar suas roças; mesmo os filhos ou filhas procuram um local afastado de seus pais para formar uma nova unidade familiar.

Mais recentemente, entretanto, depois que começaram os conflitos com os fazendeiros, e algumas famílias, especialmente as que moravam na "periferia" da fazenda, passaram a contabilizar perdas -- casas destruídas, familiares feridos ou mortos -- começou a se desenvolver, como forma de proteção, um núcleo

habitacional, uma pequena vila, onde já existem cerca de 50 casas. É quase que somente uma rua comprida, irregular, muito larga em alguns trechos e estreita em outros, cujo traçado lembra um longo e trêmulo "S" seguido de um ainda mais longo e tremido "L". Uma rua onde a criatividade dos moradores impediu a determinação de um padrão. Há trechos com casas semelhantes e enfileiradas que subitamente se transformam num mato espesso, onde um trilha estreita termina numa casa escondida. Há casas com quintal no fundo, outras com um grande quintal ao redor ocupando parte do que seria a própria rua; há casas ilhadas no meio da rua, sem quintal.

Nesse povoado, evidentemente sob influência do recente contato com o mundo exterior, foram construídos os dois únicos recintos públicos: primeiro, a delegacia do sindicato, onde ocorrem as reuniões políticas e que também serve de local para a escola; depois, o galpão onde se realizam os cultos religiosos.

## II.2. A Vida Social

Antes da formação do pequeno povoado, da aglomeração de algumas casas num espaço geográfico mais restrito, quando as moradias todas se espalhavam em pontos distantes, as atividades diárias giravam em torno de cada unidade familiar. As visitas aos vizinhos eram esporádicas. Reuniões sociais só em dias de festa, quase sempre envolvendo alguma comemoração religiosa.

Nesses dias, como até hoje ocorre, a algazarra é

coletiva, adultos e crianças se misturam em brincadeiras ininterruptas até o entardecer, quando então se juntam numa inevitável roda para "contar caso (acontecimentos cotidianos e atuais) e ouvir histórias (temas do passado)", como dizem os mais velhos.

Depois do surgimento do povoado, paralelamente ao aumento do contato com a Igreja e com o sindicato, alguns hábitos novos foram introduzidos na vida desse povo. Surgiram novas atividades coletivas. E a roda de final da tarde se tornou um hábito. É importante destacar aqui que grande parte dos moradores não se juntou ao novo povoado. Continuaram em suas casas distantes. Outras famílias passaram a ter duas moradias, a original com suas roças e outra nesse "agrupamento habitacional". Mas um fato é inegável: o novo povoado se tornou o centro social ou "político" do povo da Barra, passou a abrigar todas as reuniões sociais e a gerar o ponto de partida para as novas atividades coletivas.

A participação dos moradores da Barra não é maciça em nenhum tipo de atividade ou reunião. Até mesmo nos mutirões de fiação do algodão, o trabalho é feito em pequenos grupos em várias casas ao mesmo tempo, entre os meses de junho a setembro, época da seca, quando o trabalho na agricultura é quase sempre improdutivo. Alguns nem mesmo participam dos mutirões: preferem fazer sozinhos, apenas no âmbito da unidade familiar, potes, melado, açúcar, cestos, telhas etc.

No caso da roça comunitária, funciona esta mesma

forma de organização, cada ano tem um grupo diferente participando. O mesmo acontece com a horta comunitária. Enfim, a cada dia ou a cada ano, em cada atividade, os participantes são diferentes: alguns vão à reza mas não estarão na horta, ou trabalham na horta mas não no mutirão de fiação, ou participam do mutirão mas não trabalham na roça, e assim vão trocando, as pessoas e as atividades.

..."O mutirão serve mais é para juntar as pessoas que é de gosto e andar ligeiro com uma tarefa demorada de fazer sozinho. É hora boa de contar e escutar caso. Dar muita risada, inventar estória a aumentar as antigas. Ficar lerdando um dia inteiro, sem deixar de fazer o que é preciso. É o melhor jeito de perder prazo no meio de gente. A cabeça fica largada, pensando devagarinho e rindo à toa. Quando a gente sai, é o mesmo que um banho numa água boa, sai tudo que é ruim para fora".<sup>18</sup>

O grupo inteiro não se junta nem mesmo para discutir as questões ligadas à terra. As atividades coletivas, na verdade, foram introduzidas depois da intensificação do contato com o mundo exterior. Sem o incentivo da Igreja, através do trabalho das freiras vinculadas à Diocese de Porto Nacional, os moradores da Barra certamente não se preocupariam com a realização

de mutirões ou com a formação da roça e da horta comunitárias. O trabalho dessas religiosas é voltado à área da saúde, o que acaba se estendendo à alimentação e à forma de produção de alimentos.

Não fosse por essa influência, a produção agrícola continuaria apoiada apenas na mão-de-obra de cada unidade familiar. Aliás, é importante observar, o trabalho individual, desenvolvido no interior de cada unidade familiar ainda é responsável pela maior parte da produção de bens -- de alimentos, cultivados em pequenas roças, a objetos artesanais de uso doméstico. Não vendem nem compram força de trabalho. No máximo, trocam um dia de trabalho por outro ou por algum alimento. O que mais funciona mesmo é um primitivo sistema de trocas.

As mulheres ocupam um papel de destaque na organização social desse grupo. Ao contrário das mulheres da zona rural dessa região, elas são ativas socialmente e interferem -- quase sempre de forma decisiva -- em todas as questões do dia-a-dia. É a mulher, em geral, quem administra a "economia doméstica"; quem escolhe, ao casar, o local para fazer sua casa e roçado; quem, nas reuniões do sindicato, mais toma a palavra e as decisões; quem impõe, enfim, o ritmo da vida da comunidade. Os homens aparentemente não se importam com esse "domínio" feminino e dividem todos os afazeres domésticos com as mulheres e, estas, por sua vez, participam igualmente das atividades agrícolas.

O casamento é feito na base da conquista, isto é, não há nenhum acordo prévio entre os pais dos jovens. Praticamente só ocorrem casamentos entre eles mesmos. É habitual que se casem



por volta dos treze ou catorze anos, formando um grande número de famílias jovens.

As principais providências tomadas pelo casal antes do casamento são a construção de uma casa e a confecção de uma rede para dormir. Outros itens do "enxoval", como potes e utensílios domésticos, também vão sendo confeccionados, tanto pelo homem quanto pela mulher, após a escolha do parceiro.

### II.3. Agricultura e Hábitos Alimentares

Como já foi dito no início deste trabalho, o povo da Barra é praticamente auto-suficiente. Isso se deve, entre outros fatores, à grande extensão de suas terras que, além de fornecer frutos nativos em abundância, permite-lhes fazer, a qualquer momento, pequenas plantações para suas necessidades imediatas. É preciso considerar, contudo, que a alimentação desse povo, exceto pelo consumo de frutos naturais, não é muito rica e variada.

Quando nasce uma criança, a mãe a amamenta até os 7 ou 8 meses no mínimo e, no máximo, até 2 anos ou quando a criança, por si, deixar o peito. Caso o leite seja insuficiente, pede-se para uma outra mãe que também esteja amamentando; neste caso, o leite é dividido entre as duas crianças.

Uma outra forma de resolverem o problema da alimentação insuficiente para a criança é o uso do leite da

bacaba<sup>1º</sup>, uma palmeira nativa daquela região: depois de colocados de molho em água, os frutos são espremidos e passados na peneira. O líquido extraído é um tipo de leite, de cor branca, que tem até a propriedade de coalhar, como o leite dos mamíferos, caso não seja usado em pouco tempo. As crianças são alimentadas também com o suco das frutas da época, assim como com o mingau de fubá de milho ou o da mandioca.

A alimentação preferida pelo povo da Barra são os frutos da época, nativos nos campos (veja Calendário na página 59). Suas terras são formadas, no geral, por um cerrado de qualidade fraca, mas a região é rica em frutas nativas. Cultivam, contudo, fava, arroz, milho, mandioca e algodão e possuem plantações de cana, manga, banana e lima. Somente estas culturas utilizam uma extensão maior de terra. A agricultura é, de modo geral, incipiente. A produção das culturas temporárias, como o arroz e o milho, atingem, na melhor das hipóteses, o nível de subsistência, mal atendendo às necessidades de consumo da própria comunidade.

Como na zona rural mais pobre ou atrasada, a técnica usual da agricultura é a da queima e aração para o preparo da terra e a da capinação, com enxada, para o trato da área cultivada. Periodicamente, a área de lavoura é deslocada de um ponto a outro, devido à progressiva diminuição de produtividade. Neste caso deixam a terra descansar e se recompor durante um período variável de três a seis anos

A técnica da aração é utilizada há muito tempo;

para isso, sabem fazer um arado de madeira bastante rudimentar, tracionado por dois homens. O uso da tração animal, contudo, foi introduzido muito recentemente, depois que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais doou duas juntas de bois para ajudar no serviço de preparação da terra para o plantio.

Aliás, a própria prática do cultivo da terra, das roças e hortas, comunitárias ou não, só foi desenvolvida devido ao incentivo externo ao grupo, à insistência das freiras que dão assistência religiosa, social e médica ao povo da Barra, à participação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e da CPT.

É hábito do grupo não jogar ao léu as sementes dos frutos; estas são, tanto pelos adultos quanto pelas crianças, enterradas em qualquer lugar logo após o consumo. Além dos frutos nativos, comem também todos os tipos de carnes dos bichos caçados, prática esta pouco comum ao grupo. Do gado, utilizado apenas para tração, não aproveitam a carne nem o leite. Não criam, aliás, nenhum tipo de animal para consumo, nem porcos, nem galinhas.

A mandioca, essencial em sua alimentação, é utilizada de várias maneiras, sendo a mais comum a farinha de puba<sup>20</sup>. Para ralar a mandioca, usam um ralo feito de taboca<sup>10</sup> ou de espinhos grossos. O tapiti ou tipiti<sup>21</sup> serve para espremer e secar a massa da mandioca ralada que será torrada ao sol ou no fogo. O açúcar tiram da cana e o sal chamam de "pó de pedra", por ser proveniente de um tipo especial de rocha encontrada na serra daquela região.

#### II.4. Artesanato: A Arte Prática

O trabalho manual, ou artesanato, tem um papel fundamental para o povo da Barra; através dele adquirem praticamente todos os seus utensílios domésticos. Grande parte desses objetos são confeccionados pelos próprios usuários, que consideram a atividade, além de funcional, de descanso físico e mental. Não costumam produzir nada além do necessário para seu uso imediato, não dispõem de estoques ou reservas de qualquer produto; ao contrário, só iniciam a confecção de determinado utensílio quando sentem falta em sua casa ou quando alguém da comunidade precisa e não pode ou não sabe fazê-lo. Este último caso é raro, já que, como será visto na segunda parte deste trabalho, o próprio modo de vida desse povo cria naturalmente as condições essenciais para que cada um aprenda a fazer os objetos de que necessita para o uso diário.

Seus trabalhos não apresentam nenhum tipo de enfeite -- as peças são feitas com a utilização pura e simples da matéria-prima. Esse fato não interfere, de modo algum, na excepcional qualidade dos objetos confeccionados. Aliás, o artesanato do grupo é muito bem visto por todos da região, admirado até mesmo pelos fazendeiros vizinhos, seus inimigos na disputa pela terra, pois tamanho é o seu capricho.

Possuem grande habilidade para fazer balaios, tapitis<sup>21</sup>, quartas<sup>22</sup>, esteiras, cordas, telhados de piaçaba<sup>23</sup> e para tecer o algodão em um tear dos mais simples. Muitos dos seus

trabalhos utilizam uma técnica especial de trançado da folha de buriti<sup>8</sup>, material primário capaz de gerar quase todo tipo de utensílio: o barrileiro<sup>24</sup> de fazer a decoada<sup>25</sup> -- utilizada na composição do sabão -- é um dos exemplos mais eloquentes.

Capricham também na confecção do fogão à lenha, do pilão e das mãos de pilar<sup>26</sup>, do forno de torrar a farinha etc. Como disse Dona V., moradora da Barra, "sempre que é feito um serviço com o prazo certo (tempo que for necessário), ele só pode sair sem defeito, com jeito". As cores utilizadas refletem a natureza à sua volta: verde claro, amarelo claro, marrom, preto, branco. Observando-se o conjunto dos seus objetos, a cor mais visível é a bege -- cor do barro e das palhas secas.

Dona M., uma mulher que já tem uma grande experiência de vida e, portanto, assim como tantas outras mulheres da Barra, sabe como fazer os objetos necessários para sua casa, deu um longo depoimento sobre como ela vê o trabalho artesanal entre eles, sua função e o significado para o grupo. Esse depoimento vai ao encontro de muitos outros, também colhidos em conversas informais sobre esse mesmo tema.

A fala de Dona M. está aqui reproduzida do modo mais fiel possível, numa tentativa de mostrar a forma com que as pessoas desse grupo se expressam verbalmente. É uma forma mais elaborada, não muito comum entre esse povo, por dois motivos principais: primeiro porque dificilmente alguém fala longamente sobre qualquer assunto; as conversas são sempre truncadas, entrecortadas, formadas de frases curtas. Depois, porque a

depoente fez um esforço para falar à pesquisadora de forma compreensível; em suas conversas "espontâneas", muitas de suas palavras são incompreensíveis aos estranhos, algumas expressões são verdadeiros grunhidos, sons saídos da garganta e não da boca.

"... aqui na Barra, todo mundo sabe mexê co barro, ca sêda do buriti<sup>8</sup>, maderá, essas coisa que nós usa por aqui, quando temo pricisão de uma vasia pá guardá um mantimento, pegá uma água, de uma corda, essas coisa. Mas num é todo mundo que sabe fazê todas coisa dum jeito crareado, bem cumbinadinho com o que faiz. Sabê fazê é fáci, o que é custoso é sabê fazê sem dexá ponta e ponto fora do prumo, o sirviço sai com a crareação da pessoa que fez e basta oiá prá vé quem foi que fez, dá prá sabê direitim."<sup>27</sup>

O povo da Barra valoriza a qualidade dos seus trabalhos artesanais; acredita que um serviço bem feito é muito mais útil e durável; por isso estimula as crianças a se empenharem ao máximo no desenvolvimento de suas habilidades. É interessante notar também que, apesar de não haver marcas aparentes em seus trabalhos artesanais, qualquer membro da comunidade consegue identificar o autor de cada trabalho, como se este tivesse uma

assinatura, invisível aos olhos pouco treinados dos estranhos; são trabalhos personalizados, marcados pela individualidade. Ribeiro (s/d)<sup>28</sup>, ao analisar a "estrutura tribal" dos índios brasileiros, destaca que "... desobrigados de uma produção mercantil, eles trabalham para si mesmos ... daí o gosto e a beleza que eles põem na confecção dos mais simples objetos do uso diário. Não havendo pressões para produzir coisas vendáveis, os objetos não se estandardizam."

"Eu si tenho pricisão um pote, vô primero sabê se a Cândida tem prazo de fazê um prá mim e trocá por um tapiti<sup>24</sup> que eu faço. Ela faz um pote do mesmo tipo dos que qualqué oto faiz, mais o dela é de mais capricho, o barro sai do mesmo lugá, as fôia de sambaíba<sup>29</sup> prá dá lustro, pode até fazê junto co ela que depois vai vê o sirviço dela sai com muito mais crareação. Ela faiz as parede dele mais fina, amassa o barro até ele tê mais liga, dexa ele secá bem, antes di quemá, e sabe o ponto mais certo de tirar do forno; eu não sei mais porque, só sei que sai com diferença um do oto."<sup>27</sup>

Praticamente todos os moradores da Barra sabem

fazer os mais variados utensílios. Mas, alguns se destacam pela sua habilidade em trabalhar com determinado material. Por isso, é muito comum se encontrar "especialistas", o que acaba gerando o sistema de trocas de objetos.

"A natureza de cada um é uma coisa isquista, cada um tem uma e ela não mistura com todas as outras. Ela (a natureza) caça um jeito de garrá, com pouca cisma e engano, as coisas que mais parece com a natureza da gente; é assim no casamento, nas ocupação e na vida. Tem uns que se ajeita mais fazeno cofo<sup>30</sup>, outros teceno no tiar, vai assim variando de jeito com o que tem prá fazê na vida, tudo de acordo com a natureza da pessoa. Nem todo mundo é apressado ou sossegado, mais prá fazê essas coisas que gasta as mãos, é preciso tê prazo, e por aqui a gente sabe que num tem jeito de fazê um trançado ou um rancho<sup>12</sup> nas carreiras tem de ir fazeno aos poucos, mas isso ajuda a sossegá a cabeça, e pará de vez em quando, é preciso."<sup>27</sup>

Os mais velhos acreditam que não se força a natureza das pessoas. Cada um deve descobrir seus dons naturais e



explorá-los ao máximo. E destacam a paciência e o equilíbrio como fatores fundamentais para o desenvolvimento de qualquer habilidade.

"De cedo, a criança vai aprendendo a arrumá um jeito de se ajeitá co'as tarefa que gasta as mão prá fazê, já nessa ocasião dá de ver quem vai ser mais caprichoso numa coisa ou n'ota, ela vai escolieno e seno escoida pelo que tá fazeno, é um ajuntamento que acontece na vida intera da pessoa. Vivê é um segredo de cada um. O pai meu gostava de trabaiá a maderá, ele dizia que a maderá vai dexano a pessoa enxergá dentro dela cada veiz mais, mas ela espera que a pessoa vai mostrano ele prá ela tamém na mesma toada. Quando esse incontro num acontece, o caboco pode largá e ir fazê ota coisa, porque vai sê custoso de aprendê qual é a maderá boa prá fazê cada coisa e o sirviço num vai prestá."<sup>27</sup>

De fato, as crianças são, desde muito cedo, iniciadas no processo de confecção de objetos artesanais. Mas também são deixadas livres para escolher o que mais lhes agrada. Muitos acreditam que se a pessoa não encontrar seus próprios dons,

não vai conseguir um bom resultado em seus trabalhos. E acabam apontando a deficiência de muitos objetos confeccionados por eles mesmos.

"Eu gostava de escutá os caso dos antigo. Uma vez , meu pai contava, os fio do cumpade Trajano, gente que sabia muito bem trançá o tapiti, resorveu fazé um punhado deles e sai andano pu mundo, trocans tapiti em troca de boia e poso. Fizero aquele munturo (grande quantidade), chamô a mãe prá vê, ela perguntô, qualé desses que foi feito primero?, e os que foi feito no meio do sirviço?, os fio não subero respondê. A mãe disse: todo mal feito não tem orige nem dono, a pessoa que vê esse sirviço vai desgostá dos tapiti e de quem feiz, pocos deles vai sirvi prá uso. Fica mais no jeito, se ocêis chegá num lugá e fazê um tapiti, em troca da bóia e do poso, do que sai carregano a cara suja pelo mal feito, e prá vê isso basta oiá nisso aí que foi feito; bom será se ainda sobé fazé um tapiti direito. Eles pusero fogo neles e foi fazé o que a mãe disse, teve um deles que nunca mais vortô, perdeu

o rumo de casa. Aqui ninguém faz nada em quantidade, só mesmo pro gasto, porque fazê coisa além da conta num tem como fazê direito, é desperdiçá as fôia cortada no mato, atoa e sem pricisão, e depois de cortada tem de fazer o que pricisa, se corta muita e deixa elas esperano, elas vai perdono o jeito e acaba saindo um troço que não serve; foi o que aconteceu com os fio que quiria fazê tribusana de trem (uma quantidade enorme de coisas)."<sup>27</sup>

O povo da Barra parece atribuir muito valor às histórias de seus antepassados. Contam-nas com um orgulho evidente e sempre destacam o seu conteúdo moral. Nesta última parte do depoimento, Dona M. aborda também dois aspectos fundamentais do modo de vida desse povo: um deles, é a tradição quase supersticiosa de não confeccionarem objetos além de suas necessidades mais imediatas, pois encaram o excesso como puro desperdício e acreditam que possa atrair malefícios, como a falta de matéria-prima. O outro aspecto, já destacado no início do depoimento e retomado por Dona M., é a estreita ligação que acreditam existir entre personalização e qualidade dos artesanatos.

"... os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo -- o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos -- e sua visão de mundo -- o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada por uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida. Essa confrontação e essa confirmação mútuas têm dois efeitos fundamentais. De um lado, objetivam preferências morais e estéticas, retratando-as como condições de vida impostas, implícitas num mundo com uma estrutura particular, como simples senso comum dada a forma inalterável da realidade. De outro lado, apoiam essas crenças recebidas sobre o corpo do mundo invocando sentimentos morais e estéticos sentidos profundamente como provas experimentais da sua verdade. Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro."<sup>31</sup>

## II.5. O Ritual Católico

O povo da Barra se autointitula católico, mas seus rituais, pelo menos em grande parte dos seus aspectos formais, diferem muito dos praticados pelos seus vizinhos sertanejos que, como eles, vivem na zona rural. Não tem a mesma maneira de agir diante do que se denomina sagrado. Do ponto de vista dos seus vizinhos católicos, seus rituais são considerados profanos. Para o povo da Barra, esse adjetivo não tem sentido.

Cenas comuns durante um culto: salão (a Igreja) completamente cinza de tanta fumaça de cigarro, ataques de tosse seguidos de muitas risadas e sugestões: "seus peito tá fraco ainda, num guenta fumaça; lá fora tem mais vento que aqui". O cheiro forte de mangaba, fruta comum do cerrado, começa a tomar conta do ambiente. Alguém toma a iniciativa e vai pegar algumas frutas -- enroladas no pano que cobre o "altar", ou amontoadas num canto do salão; esse é um excelente local, úmido e escuro, para se deixar as frutas amadurecerem. Logo estão todos comendo, comentando e, ao mesmo tempo, rezando.<sup>27</sup>

A prática do catolicismo -- sobre a qual obtive um grande número de informações através da observação frequente desses rituais -- é a mais exposta aos estranhos, visível através dos cantos, das orações (rezas), e atualmente também do livro "Novo Testamento", sempre presente sobre algum banco dentro da casa. Mas, ao mesmo tempo, não faltam casos, contados por moradores da Barra como questões corriqueiras, do dia-a-dia, de "bruxaria" ou de "encosto de algum espírito". Eles também afirmam ter muito medo de serem enfeitados ou receber um mau agouro, e asseguram que não usam seus conhecimentos sobre esse assunto para atingir outras pessoas.

Algumas diferenças em relação aos católicos dessa região, seus vizinhos, na forma de encarar a religião, puderam ser observadas em vários cultos religiosos católicos do povo da Barra. A descrição, adiante, de um terço e uma novena, tenta evidenciar

alguns aspectos da religiosidade desse povo, os quais, por sua vez, refletem um modo de vida, uma organização cultural. Pode-se observar, por exemplo, pelas reações despreocupadas e tolerantes dos adultos, que há um grande espaço para a atuação da criança: para errar, brincar, se enganar, tentar de novo, agir e reagir.

Para os camponeses católicos da região, a prática religiosa envolve alguns valores fundamentais, que devem necessariamente ser respeitados e considerados. Durante um culto religioso, por exemplo, os participantes devem manter uma atitude considerada respeitosa, ou seja, ouvir, falar, cantar, ajoelhar, sentar, levantar, etc. tem momentos determinados para acontecer, pois existe um ritual a ser seguido. Espera-se dos participantes uma dedicação exclusiva durante todo o tempo de cada culto, sempre considerado sagrado. Quaisquer atitudes que fujam à estas regras são consideradas impróprias, inadequadas ou profanas.

Durante o culto não é permitido, por exemplo, fumar beber, brincar, fazer algazarra etc. É também proibido, ou ao menos pouco recomendável, entrar e sair a qualquer hora. Os locais são quase sempre muito bem arrumados, é o altar, ou o móvel que serve de altar, quando os cultos são realizados em residências, coberto por uma toalha branca, em cima da qual são colocados apenas objetos considerados próprios à circunstância, como velas, flores e imagens de santos.

Os cultos seguem um curso previamente organizado de maneira um tanto rígida, quase sempre com hora marcada para começar e terminar, ou seja, um tempo mais ou menos definido de

duração. Em geral, os cultos são dirigidos por um adulto, seja ele padre, freira ou um leigo preparado.

Para o povo da Barra, a prática, do que eles também chamam de catolicismo, é bem diferente. O horário para começar um culto, por exemplo, não é fixo, nem determinado pelo relógio, que sequer eles usam. Se a reunião deve ser realizada à noite, todos sabem que é na "boca da noite" -- pouco antes de escurecer -- o que permite que as pessoas cheguem num tempo considerado apropriado às suas próprias necessidades, seja no início, no meio ou no fim do culto -- isto não parece provocar qualquer constrangimento.

Não é difícil também para eles se encontrarem e seguirem juntos rumo ao local da reza; as crianças se encarregam de fazer um barulho tal, que serve no mínimo de aviso ou alerta para os que desejam participar. Muitos não vão, outros ficam pelo caminho ou mesmo do lado de fora, à entrada do local do culto, conversando, brincando, rindo alto, adultos ou crianças.

Aparentemente ninguém se incomoda com o fato de alguém entrar e sair a qualquer hora durante o culto ou a reza, ajoelhar-se, sentar-se de qualquer modo, conversar e até mesmo fumar dentro do recinto. Diferentemente do seus vizinhos, é comum encontrar pessoas de costas para o altar, conversando ou até rindo alto. Muitas vezes erram nas contas na hora do terço, e os grupos de 10 ave-marias acabam reduzidos para sete, às vezes nove orações.

Não apenas a postura das pessoas, mas também o

local dos cultos é encarado de uma forma diferente dos seus vizinhos sertanejos. Lá na Barra, um galpão serve de capela ou igreja. Dentro, no fundo, há um jirau<sup>22</sup> -- o altar -- com alguns panos, tecidos no tear, com bordados na fimbria. Em cima, o santo, ou melhor um quadro com a imagem de Nossa Senhora das Dores, juntamente com a imagem de outros santos da Igreja Católica e até com outros objetos largados por alguém -- um brinquedo de criança, um abano, frutas deixadas para amadurecer -- tudo coberto e protegido da poeira por um grande pano.

#### Um Terço Cantado e Encantado

Antes de começar a rezar o terço, algumas pessoas, adultos ou crianças, descobrem a imagem do santo e dos outros objetos que estão sobre o altar, enquanto outras pessoas vão chegando, algumas trazendo ramos para tocar os mosquitos, outras carregando bancos de cepos (tocos pequenos de madeira com 10 cm mais ou menos) para sentar, outras chegam e sentam no chão ou ficam agachadas. A distribuição dos participantes no interior da igreja é aleatória. Há grupos pequenos em todas as partes, até mesmo de costas para o altar, de frente uns para os outros.<sup>27</sup>

A reza do terço cantado é reservada para ocasiões



por eles consideradas especiais, como a visita do bispo, ou para mostrar à pesquisadora, ou, particularmente, na Semana das Dores (de Nossa Senhora das Dores), semana imediatamente anterior à Semana Santa. Começam cantando antigas músicas -- antes comuns em algumas cerimônias da Igreja católica, como procissões e missas, segundo o bispo da Diocese da região -- aprendidas com os antepassados.

Param um pouco, dão boas risadas devido a algum gracejo de uma criança e Dona R. diz: "ei F., começa ocê"; esta acha graça e olha para outra dizendo: "eu não, eu num sei esse pedaço, vai ocê M."; riem ainda mais com essa indecisão e uma das crianças toma a dianteira e recomeça, dando seguimento às orações.<sup>27</sup>

Os cânticos e orações não se restringem às ave-marias e padre-nossos tradicionais. São diversas orações, às vezes faladas, às vezes cantadas -- num misto de português e latim -- aprendidas com os mais velhos. Muitas vezes param a reza para rir ou falar sobre o que estão cantando -- é um terço cantado e contado.

A pronúncia das orações cantadas ou faladas é, muitas vezes, incompreensível. Não só para os estranhos, mas para eles mesmos, que não sabem explicar o significado de muitas de suas falas. As dificuldades da transmissão oral e da pronúncia devem ser responsáveis por boa parte das expressões estranhas --

como "... dequedados fio de era ...", só possível de se compreender por fazer parte de uma oração católica tradicional, a Salve-Rainha: "... degredados filhos de Eva ...".

Durante todo o tempo do terço, as crianças participam ativamente, ora brincando, ora ajudando no culto; parecem saber toda a sequência das orações cantadas. Às vezes interrompem as orações até para corrigir um erro na tonalidade da melodia, uma troca de palavra; fazem sua intervenção de maneira repentina e engraçada. Às vezes são bastante ousadas em suas brincadeiras:

Uma das mulheres se levantou para ir ao altar acender um cigarro na candeia (lâmparina ou luz de azeite) e uma criança pegou o cepo que ela estava sentada e escondeu. A mulher voltou, deu uma olhada para os lados e na semi-escurecida não encontrou onde ela o havia deixado, então acocorou-se e continuou a rezar. A criança, depois de dar boas risadas, devolveu o cepo. Ela o recebeu de volta, colocou-o no chão e, rindo, sentou-se outra vez.<sup>27</sup>

Às vezes, quando mudam de posição -- sentados, ajoelhados ou em pé -- mudam do português para o latim ou vice-versa. A mudança de postura não é acompanhada igualmente por todos; cada um muda para a posição que lhe é mais adequada, e isto não afeta o andamento do culto.

Um dos participantes do culto respondeu cantando uma das preces do terço, mas com uma voz rouca e fora de tom. Todos riram bastante e Dona S. disse: "tio P. hoje tá co'a voz muito ruim, canta ocê I.". O velho deu boas gargalhadas e continuou cantando junto com a mulher. Do lado de fora do recinto dava para se ouvir algumas pessoas conversando e brincando junto com algumas crianças; outras rindo; outras rezando o terço, às vezes até em outro ritmo.<sup>27</sup>

A voz, ou mesmo as vozes podem tanto sair como entrar no coro quando bem quiserem -- não há uma harmonia determinada. A pessoa que quiser cantar sozinha também pode começar sem que ninguém a interrompa. O máximo que chegou a acontecer foi uma delas parar no meio e dizer que não ia continuar porque a sua voz estava saindo "muito fora de jeito" (desafinada). Observações sobre o "jeito da voz", aliás, foram feitas mais de uma vez; mesmo assim, algumas das pessoas apontadas não pararam de cantar.

No final do terço, alguns vão até o altar, fazem o sinal da cruz, ajoelham-se ou apenas curvam o tronco, colocam as costas de uma das mãos na toalha e fazem novamente o sinal da cruz, beijando no final a própria mão. A sonoridade do cântico aumenta, as crianças e as mulheres cobrem a imagem do santo, pegam as lamparinas e saem rumo às suas casas fazendo a maior algazarra,

inclusive brincando de roda antes de irem dormir.

#### Um Dia de Novena

O quinto dia da novena promovida pela Igreja Católica junto às comunidades, para comemorar o centenário da libertação dos escravos no Brasil, só se realizou porque, com a chegada da pesquisadora com algumas recomendações das freiras que dão assistência médica e religiosa, alguém lembrou que a novena já estava atrasada.

Uma manhã de domingo, o que não difere muito de outras manhãs de qualquer outro dia. Logo cedo, em cada casa, alguma atividade: alguém consertando um utensílio, brincando com as crianças, abanando ou pilando arroz, fazendo cestos, curtindo um couro, regando uma planta, "pitando" etc.

Passam alguns em direção à casa de T., local combinado desta vez para a reza, outros acompanham, e quem quiser vai para a novena, ninguém vai chamar ninguém; no máximo alguém diz para o outro: "eu tô ino pá novena".

Começam a novena com uma representação: entram mulheres e um homem, uma das mulheres com a cara coberta de carvão, todos riem muito. Os três sentam-se juntos em um dos bancos, e uma corda de seda de buriti é colocada no chão, na frente de seus pés, trançada, dando a aparência de uma corrente. Isto é o que sugere o folheto distribuído pela Igreja.

Esta novena foi feita de acordo com o livreto da CNBB (Conferência Nacional do Bispos do Brasil). Os padres distribuíram para as suas comunidades e nele estão descritos todos os passos da reunião. Pedese a representação dos negros por três membros da comunidade para simbolizar os cem anos de libertação dos escravos, sete velas acesas, a reza de sete ave-marias e a leitura de alguns textos.

A dificuldade dos poucos alfabetizados para ler torna as leituras muito truncadas e engraçadas, pois as palavras, às vezes, saem de outro jeito, ganhando um sentido diferente do que está sendo lido, mas para eles isso não constitui nenhum problema. A cada ave-maria, por exemplo, acende-se uma vela (neste caso uma candeia); quando chegou na sexta ave-maria, notaram que estava faltando candeia; alguém saiu para ir buscar em sua casa.

Nessa parada e em outras muita coisa acontecia, dentro e fora da casa. Crianças e adultos liam o papel, riam e reliam, para tentar entender. Do lado de fora uma criança pegou uma bituca, ou seja, um toco de cigarro aceso que alguém havia jogado, e chegou na porta da casa soltando um monte de fumaça. Ninguém falou nada. Ela puxou e soltou fumaça o quanto quis, entrou e saiu da casa. O único comentário sobre esse assunto foi o de uma outra criança: "isso daí faiz a gente ficá tonta".

Chegou a última candeia que faltava, a novena prosseguiu e terminou com cânticos da Igreja Católica entoados em voz alta pelas mulheres e crianças. Poucas pessoas participaram, a maioria ficou do lado de fora da casa. Disseram que rezar no papel

é muito difícil, faz esquecer o tempo todo da reza para pensar em outra coisa, enquanto se tenta entender o que está sendo lido: "A reza no papel deixa a gente distraído demais, não tem jeito".

CAPÍTULO III  
COTIDIANO E CRIANÇAS

### III.1. O Cotidiano

À primeira vista, não há um padrão definido que possa caracterizar os hábitos diários dos moradores da Barra, seu comportamento no dia-a-dia. Cada um acorda, como dizem, quando o corpo está descansado. Dificilmente começam o dia com algum compromisso já definido. É como se deixassem ao acaso, ou ao sabor de suas necessidades mais imediatas, a decisão sobre o que vão fazer naquele dia.

Alguns partem para a roça, quando há alguma para cuidar, outros sentam à beira da porta para fumar e tecer uma seda de buriti<sup>8</sup>; alguns já estão pilando o arroz logo cedo, outros vão buscar taboca<sup>10</sup> ou palhas para executar algum serviço em casa; uns podem se juntar para ir à reza (se for dia de rezar), outros podem sair para procurar frutas no mato. Uns querem se banhar no brejo<sup>33</sup> logo cedo, outros só à tardinha. Assim se passa o dia todo, todos os dias.

Essa aparente desorganização do seu dia-a-dia, entretanto, reflete características fundamentais da vida desse povo, uma outra forma de organizar seu cotidiano. Uma dessas características é o fato de que esse povo parece desconhecer qualquer coisa parecida com um planejamento a longo prazo. Vivem em função de suas necessidades mais imediatas. Fazem um pote porque o outro quebrou; mas não fazem dois potes se precisam só de um. Isso não quer dizer que só vão plantar arroz quando acabou o último quilo de que dispunham. Em alguns casos excepcionais,



envolvendo principalmente o trato da terra e o plantio, como não há outro jeito, acabam adotando uma programação mínima.

É fundamental ressaltar também que a base da produção econômica na Barra é a busca da auto-suficiência por cada unidade familiar. O sistema de trocas serve apenas de complemento; é utilizado somente em último caso. Assim, as atividades diárias são desencontradas; cada unidade familiar segue sua própria organização interna. Organização, aliás, quase sempre determinada pela mulher: quando ela ou o marido deve torcer as roupas deixadas de molho, ou colher alguma mandioca, pilar ou escolher o arroz, buscar lenha etc.

É claro que há épocas mais adequadas para se fazer determinados serviços. E respeitar o ciclo da natureza -- que praticamente determina o ritmo de suas vidas -- é, pode-se dizer, uma regra fundamental para esse povo. Assim, as variações do tempo e temperatura -- chuvas, seca, frio, calor, lua nova, cheia -- e o repetitivo calendário dos frutos nativos (veja na página seguinte) se refletem profundamente no cotidiano da comunidade. São verdadeiros marcadores de tempo, que acabam levando os moradores, mesmo que individualmente, a executarem um certo número de atividades semelhantes numa mesma época.

Dona M., senhora das mais velhas e experientes, define bem o modo como esse povo encara o tempo que se tem, para se fazer cada coisa, cada dia:

"Na vida tem tempo certo pá cada coisa, lua

---

---

Calendário dos Frutos Nativos / O Ciclo da Natureza

---

---

Dezembro

baquari  
graviola  
abil  
jambo  
abacate

Janeiro

melancia  
melão  
manga  
marmelada  
articum

Novembro

mamacadela  
bacaba  
mangaba  
murici

Fevereiro

batimã  
tuturubá  
olho-de-boi  
mirindiba

Outubro

goiaba  
cagaita  
jenipapo  
amora  
pati

Março

maracujá  
cajazinho  
araçá  
embú  
ata

Setembro

cidra  
jaca  
cajú  
pequi

Abril

jatobá  
pau-d'água  
siriguêla

Agosto

fruta-pão  
fruta-do-conde  
banana  
buriti  
puçá

Maio

cajá-manga  
pati  
romã  
mamão

Julho

barú  
tamarindo  
cajá  
abacaxi

Junho

limão  
lima  
mexerica  
ingá

nova é tempo de pegá sêda do buriti<sup>8</sup>, boa pá trançá, fazê as coisa sem pegá caruncho."

Durante quase o ano todo, exceto no período chuvoso, pode-se encontrar moradores da Barra trabalhando com a seda do buriti<sup>8</sup>. Isso se deve a algumas características peculiares dessa atividade. Esse material é muito útil para diversos fins: trançado, pode virar cestos, cordas, peneiras etc. Mas é preciso primeiro juntar determinada quantidade e depois deixar "assentar" ou murchar. E a coleta só serve se for feita durante o período da lua nova, senão ficará totalmente furada, cortada pelos carunchos.

"No tempo do frio e da seca (por volta de abril a julho), ocasião boa pá mexê co rapadura, manué<sup>34</sup>, melado, açúcar tirano isso da cana, aproveitano o tempo co'a cana mais doce, as abeia tem mais frô e o cheiro manso do tempo deixa elas mais sossegada, aí não ferroa tanto."<sup>27</sup>

Nesse período a cana-de-açúcar está, como dizem, enxuta. O melado apura (engrossa, perde a água) mais depressa sem perder o gosto. Assim como o manué<sup>34</sup>, que é batido e torcido na mão até esfriar; devido à alta temperatura desse produto, o serviço é feito à noite, na época mais fria do ano.

"O tempo frio é mió de ficá mexeno na bêra do fogo, de noitinha, aproveitano pá oiá a cara boa do céu, que fica de cara limpa, c'as noite grande cum tempo pá trabaiá e encantá de fazé muita coisa e ainda dormi até descansá. Dispois de fiá o algodão, cardá, amassá o barro pro pote, adobe, ajeitá a terra pá fazé roça, ralá mandioca pá fazé farinha e mais otos trem. Nessa ocasião os sirviço é tudo trabaioso, mas o tempo ajuda muito a manerá essa coisera."<sup>27</sup>

Durante essa época do ano, a maior parte das atividades é desenvolvida perto ou dentro de casa. E quase sempre exigem muito tempo e trabalho. Para se tecer uma rede de algodão, por exemplo, gasta-se cerca de vinte dias, sem deixar de lado outros afazeres essenciais. Os quatro quilos de linha necessários são fiados em cerca de quinze dias, e para tecer a rede demora-se mais uns cinco dias, em média.

"Tempo da seca e da quentura (agosto a outubro), o mato tá cheio de cajú, piqui, cajá, lima, baru, buriti, pau-d'água e otas fruta, tempo de fartura e chéro doce no mato, água limpa pá banhá; dia grande, dá prazo de andá uma distância longe atrás de fruta, os passarinho fica fazeno farra e contano onde tem

fruta madura; tempo quente é bõo pá andá à toa, o sirviço na roça é mais poco, pricisa esperá a chuva pá prantá."<sup>27</sup>

Nessa época, são muito comuns as longas caminhadas pelo mato em busca de frutas. É hora de buscar lenha seca. Nessa ocasião, muitos passam quase o dia todo fora de suas casas. Aproveitam também o tempo seco e quente para fazer os serviços impossíveis em épocas de chuva, como consertar as goteiras do telhado e construir casas.

"No tempo da chuva, dispois de passada a primera (outubro), é hora de prepará a terra e dispois ficá de óio na semente que vai brotá, tem de capiná o mato que nasce no meio da roça; esse sirviço é bõo de fazê tomano chuva quente no corpo; faiz a gente cansá e suá mais poco."<sup>27</sup>

O trabalho, agora com a terra, é mais pesado. Embora só façam roçados pequenos, é comum a troca de dias de serviço, entre algumas unidades familiares, para facilitar e adiantar o serviço.

"No inverno (de novembro a março; tempo em que as chuvas são constantes e mais frias nessa região), as fruta do cerrado e do campo dá tudo

junto, o mato fica cheio, muita coisa pá comê, as araginha (estiagem) que faiz dá prazo de 1 no mato catá um punhado delas. Tem araçá, mamacadela, murici, jenipapo, marmelada, bacaba, articum, cagaita, pati, e muitas otas."<sup>27</sup>

Nesse tempo, os moradores da Barra voltam a ficar muito tempo distantes de suas casas, ora no mato coletando frutas, ora no roçado limpando e arrancando o mato que não para de crescer.

"Esse assunto dá muita canseira, é mió ocê ficá aqui olhano pá aprendê. Falá muito tempo é o jeito mais à toa de contá um caso; a gente acaba falano mais do que precisa e o oto nem dá conta de escutá tanta coisera duma veiz só, a não sé que a gente tá tonto de pinga, mais aí num é assim, é conversa sem êra nem bêra (eira nem beira)."<sup>27</sup>

Ao concluir sua fala, Dona M. revela seu cansaço, sua dificuldade em se lembrar de tanta coisa de uma só vez. Apesar de terem seu cotidiano de certa forma organizado ou estruturado de acordo com o ciclo das plantas e do tempo, foi muito difícil encontrar alguém, como Dona M., capaz de fazer um depoimento relativamente completo e coerente sobre o assunto.

A observação de Dona M. sobre "falar muito tempo" nos remete também para outra característica desse povo. Em geral, não gostam de discorrer longamente sobre qualquer assunto. Exceto quando alguém conta uma história sobre seus antepassados, suas falas são curtas, as conversas entrecortadas e cheias de palavras soltas. Os temas variam muito e repentinamente. Isso pôde ser observado muitas vezes em suas conversas de fim de tarde, um ritual que se tornou muito frequente, quase um hábito diário, depois que surgiu um aglomerado de casas, o povoado.

### III.2. As Crianças

Alguns aspectos fundamentais da vida das crianças, como sua efetiva participação em praticamente todas as atividades do grupo, serão mais detidamente analisados na segunda parte deste trabalho. Mas, para facilitar a compreensão dos próximos capítulos, cuja linha central será a educação, foi necessário abordar, nesta primeira parte, ao menos superficialmente, algumas características do cotidiano das crianças.

Ao analisar aspectos variados da família medieval, Aries (1981)<sup>35</sup> parece estar descrevendo algumas relações fundamentais entre os próprios moradores da Barra da Aroeira: "... As cenas da vida quotidiana constantemente reuniam crianças e adultos ocupados com seus ofícios ..."; "... De modo geral, a transmissão dos conhecimentos de uma geração a outra era garantida

pela participação familiar das crianças na vida dos adultos ...";  
" ... Em suma, em toda a parte onde se trabalhava, e também em toda parte onde se jogava ou brincava ... as crianças se misturavam aos adultos. Dessa maneira elas aprendiam a viver, através do contato de cada dia."

Mesmo vivendo sob o ritmo dos afazeres dos adultos, as crianças não são criadas sob a vigia constante de sua família. Muitas vezes, brincam soltas, distanciando-se bastante de suas casas; mas parecem fazer isso com tranquilidade e segurança, como se conhecessem bem os lugares por onde passam e também como se pudessem contar com o apoio dos adultos em qualquer situação. Banham-se sozinhas no brejo<sup>39</sup> desde muito pequenas e andam quase sempre em grupos.

É curioso notar que os adultos muitas vezes participam das brincadeiras das crianças, como se não houvesse diferenças de idade. Brincam de roda, ciranda, pega-pega, capoeira, bodoque (estilingue), diversos jogos de força e de habilidade, cata-pingos (uma espécie de dança na chuva) etc.

As crianças não fazem nenhuma pergunta aos estranhos, não pedem nada, são arredias, não aceitam nada da mão de ninguém. Se estão, por exemplo, banhando-se num brejo<sup>39</sup> mais distante e algum estranho passar e perguntar alguma coisa é como se nada tivesse acontecido, não respondem, continuam sem mudar em nada o que estão fazendo, lançando sempre um olhar observador e desconfiado, sem perder de vista a pessoa. Sem que ninguém possa perceber, levam imediatamente informações ao grupo, de maneira



que, se o estranho chegar ao povoado, todos já estarão sabendo de sua aproximação.

Os adultos raramente repreendem uma criança; parece mesmo terem poucos motivos para isso. Quando isso ocorre, são firmes e objetivos com elas. "Quem fica curiano (espiando) as coisa dos estranho nunca vai aprendê a enxergá as suas coisa. Menino deve de sé sabido prá sabê pelo cheiro que os chegante num é como a gente", dizia uma mãe ao menino curioso com a bagagem dos que acabavam de chegar. Mas, é com naturalidade que os adultos encaram a maior parte das "travessuras" das crianças: "ela tá é brincano de fumá", explicava uma senhora, diante de uma criança que soltava fumaça de um toco de cigarro largado no chão.

PARTE II  
CRIANÇAS, EDUCAÇÃO E CULTURA

CAPÍTULO IV  
EDUCAÇÃO NA BARRA

#### IV.1. A Educação como Modo de Apreensão da Cultura

Com o objetivo de estudar mais detidamente alguns aspectos relacionados com a educação na Barra da Arcoeira -- em especial, os modos de ensinar e aprender -- o foco da segunda parte deste trabalho foi centrado no cotidiano das crianças, particularmente em alguns aspectos da sua relação com os adultos, como a participação na confecção de objetos artesanais.

Na verdade, vida e educação se confundem no dia-a-dia dessa comunidade. Pode-se dizer que a relação entre os seus membros envolve, na maioria das vezes, a transmissão diária dos conhecimentos, dos mais velhos para os mais jovens, seja durante as caminhadas para a coleta de frutos no mato, ou nas conversas no final do dia, na confecção dos objetos artesanais, no trabalho da agricultura ou durante os cultos religiosos.

Dessa forma, as crianças representam um elemento importante na cadeia de relações entre os componentes do grupo. Segundo Dona A.<sup>36</sup>, moradora da Barra, "por elas vale a luta pela vida e pela terra, pela sobrevivência e pela subsistência".

Outras declarações como essa, que parecem embutir a idéia de que sua cultura, tradição e conhecimentos serão preservados através da transmissão dos mesmos para suas crianças, partem quase sempre de pessoas da comunidade que participam mais ativamente das atividades ligadas ou incentivadas pela Igreja ou pelo Sindicato. No meio de uma conversa com um grupo de pessoas, Dona M.<sup>37</sup> disse: "Veno a horta, verdinha, penso nos piqueno; tem

de tê mais força no direito de ficá na terra, e dexá ela pros oto que vem vino. Os piqueno tem de crescê forte, sabeno as coisa de pricisão na vida, e insiná pros fio e neto enquanto tivé um vivo desse sangue". Todos os outros presentes fizeram um sinal de consentimento com a cabeça.

Na fala dos adultos que compartilham dessas idéias, fica claramente explicitado que uma das suas maiores preocupações, além da permanência na terra, é possibilitar às suas crianças um desenvolvimento capaz de torná-las adultas em condições de criar, da mesma forma, seus filhos. Nesse sentido, os adultos dificilmente se indispõem com as crianças. Estas parecem dispor de um espaço bastante flexível na vida da comunidade para exercitar suas pontencialidades. Isso significa, por exemplo, que não é estabelecido previamente o tempo que uma criança deve levar para desenvolver determinada habilidade.

Para se tratar de questões como as propostas -- crianças e processo de aquisição de conhecimentos -- envereda-se pelo caminho da educação, considerando-se que educação será entendida aqui como um acontecimento que não segue necessariamente um único modelo e forma, e considerando-se também que a escola não é o único lugar, e talvez nem seja o melhor e mais adequado local, pelo menos dentro deste contexto cultural, para a aprendizagem.

O ensino escolar não é a única prática educativa e o professor profissional também não é o único praticante. A educação existe nas várias sociedades, letradas e iletradas, nas zonas rurais e urbanas, em sociedades com e sem classes, com ou

sem Estado. Ela existe em e entre cada povo. "A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como idéia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida". Por outro lado, ao contrário do que ocorre na Barra, a educação também pode "existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos."<sup>38</sup>

Neste trabalho, a forma de abordar a educação entre o povo da Barra coincide, em grande parte, com o enfoque adotado por Brandão (1981)<sup>38</sup>. Uma educação "difusa ... entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender", criada e recriada "entre tantas outras invenções" da cultura. São "formas de educação que (os grupos sociais) produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo (referindo-se a um episódio descrito em seu livro, envolvendo uma tribo de índios norte-americanos), os códigos sociais de conduta, as regras de trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar -- às vezes a ocultar, às vezes a inculcar -- de geração em geração, a necessidade da existência de

sua ordem".

Na Barra da Arceira, como em qualquer outra sociedade, "a educação existe no imaginário das pessoas" ... "e sempre se espera" ... "que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com as imagens que se tem de uns e outros".<sup>30</sup>

Hoje, na Barra da Arceira, existem duas formas de aquisição de conhecimentos: uma informal, envolvendo as diversas atividades desenvolvidas pelos adultos, onde a criança tem, em geral, intensa participação; e o ensino formal, implantado em 1985, conforme descrito no capítulo seguinte.

A respeito do ensino informal, pode-se dizer que não há um método específico nas atividades educacionais. Mas existem modos ou procedimentos ritualizados de ensinar e de aprender. O ensino e, paralelamente, o aprendizado parecem envolver tanto quem ensina quanto quem aprende num processo intuitivo de novas descobertas, como se o mestre e o aprendiz percorressem uma mesma trilha quase invisível.

Aliás, é importante destacar, os habitantes da Barra dizem que não existe uma pessoa determinada para ensinar esta ou aquela atividade; as próprias crianças aos poucos vão se aproximando de algum adulto com quem desejam aprender, ou melhor, com quem gostam mais de conviver, de ficarem próximas, não apenas para executar tal trabalho, mas principalmente para brincar. Nessa escolha, o critério principal, utilizado pela criança e também pelo adulto-mestre, é o gosto pela companhia mútua. Na prática,

acaba sempre existindo um grupo de pessoas de certa forma responsável pelo ensino informal dessas atividades.

Não há também um local específico ou predeterminado para essas atividades, nem o horário é estabelecido. Desta forma, num sistema de regras relativamente flexíveis, se dá a transmissão dos conhecimentos, dos mais velhos para os mais jovens, de um modo tal que às vezes é difícil até identificar o mestre.

Para o homem, sobreviver e reproduzir constituem o fundamento da vida. A manutenção da vida significa a busca diária de um equilíbrio entre o homem e a natureza, para poder retirar dela os produtos que necessitam, e entre os próprios homens. Esse aprendizado diário, por sua vez, depende da transmissão dos conhecimentos de uma geração para outra, ou seja, de uma herança cultural deixada pelas gerações anteriores. Esta herança serve de base para as transformações internas e para as adequações que o mundo exterior ao grupo exige, compreendendo desde as técnicas engendradas na manipulação do natural até o conjunto de valores e crenças necessárias para a convivência e a manutenção do grupo.<sup>3º</sup>

"Essa transmissão/aquisição de conhecimentos, de técnicas e instrumentos de trabalho, de valores e de normas de comportamento constitui assim a educação das novas gerações". Afirma ainda Rosiska (s/d)<sup>3º</sup> que a educação é um ato tão antigo quanto "a própria humanidade, é a condição essencial para a permanência da espécie. Foi assim durante milênios, em todas as sociedades ditas tradicionais ...".

Na Barra da Aroeira, as crianças também aprendem à



medida em que vão vivendo. Suas experiências diárias constituem o que Rosiska chama de "fonte fundamental do saber". A herança cultural recebida de seus antepassados pode transparecer na confecção artesanal de um objeto, na prática de um culto religioso, em todas as formas, enfim, em que se manifesta o ensino informal e mesmo no ensino formal já implantado na comunidade.

Aprender, então, nesse sentido, "... não significa meramente uma mudança de comportamento. Significa a participação efetiva das crianças num processo de construção sócio-histórica." (Smolka, 1989)<sup>40</sup> ... "Os adultos, por seu turno, na medida em que respondem ou não a essas reações, na medida em que se fazem presentes ou ausentes, na medida em que interpretam, atribuem significado e sentido aos movimentos da criança, e usam gestos, expressões, sinais, e sobretudo a linguagem, vão efetivamente propiciando à criança a participação na dimensão simbólica elaborada socialmente. Nesse processo, a criança vai se apropriando, isto é, vai tornando seus os objetos, as palavras, as idéias, os dizeres dos outros."<sup>40</sup>

Para Leontiev<sup>41</sup> "... A criança não está de modo algum sozinha em face do mundo que a rodeia. As suas relações com o mundo têm sempre por intermediário a relação do homem aos outros seres humanos; a sua atividade está sempre inserida na comunicação." ... "As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam ... para fazer deles as suas aptidões ... a criança, o

ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança aprende a atividade adequada. Pela sua função, esse processo é, portanto, um processo de educação." ... "Mas o ponto principal", sublinha Leontiev, "é que este processo deve sempre ocorrer sem o que a transmissão dos resultados do desenvolvimento sócio-histórico da humanidade nas gerações seguintes seria impossível, e impossível, conseqüentemente, a continuidade do progresso histórico."

A descrição, neste capítulo, dos principais aspectos que envolvem a relação entre adultos e crianças, procura justamente evidenciar elementos que permitam uma maior compreensão da sua cultura e da forma como interpretam e entendem a realidade que os cerca. Para isso foi dada prioridade à observação das crianças em diversas circunstâncias e atividades, do seu comportamento, da sua relação com os adultos e com o mundo à sua volta.

"eu só vejo os piqueno", dizia uma mulher olhando para as crianças tomando banho no brejo<sup>39</sup>, "a essa hora os grande deve achá cedo pá dexá o que tão fazeno, és tem a perna boa, forte, guenta andá até num tê mais tanto"; uma outra disse: "nesse tempo chei de fruta, méis bão (dezembro), poco bicho caçano o qui cumê, tempo de fartura, és tem o qui fazê por aí";

concluiu uma terceira mulher: "tempo das fruta  
és anda, tempo da seca poca fruta e de munto  
mel e poço bãõ de banhá, és tamém anda, de  
jeito qui sempri tem minino espaiado no mato e  
uns no terrero do otro"<sup>27</sup>

As crianças, de fato, vivem soltas por todas as partes, no brejo<sup>33</sup>, nos matos e nas casas. Podem também, por isso, servir de vigia e mensageiros. Como estão muitas vezes em lugares afastados de suas casas, brincando, colhendo frutas etc., estão sempre em condições de perceber melhor a aproximação de algum estranho ou outro fato qualquer e informar rapidamente o grupo.

As crianças dispõem de bastante espaço -- isto é, há pouca interferência dos adultos -- para exercitar suas capacidades e testar seus próprios limites. Brincam inclusive com objetos de corte tidos como perigosos, como um facão; tomam banho no brejo, mesmo em período de cheias quando as águas são mais traiçoeiras; quebram pote na tentativa de levá-lo cheio para casa ou de um lugar para outro. Às vezes, aproximam-se de um adulto trabalhando, fazem-lhe um pedido certas de que serão atendidas, mesmo que seja para executar uma atividade mais perigosa para ela.

Vivem, por exemplo, "brincando" de pilar o arroz, uma atividade que utiliza uma mão de pilar<sup>26</sup> que é bastante pesada e em geral de grande porte; podem executá-la sozinhas ou juntamente com outra pessoa, ou criança. Quando querem parar, soltam a sua mão de pilar ou jogam-na ao chão, dando antes um

aviso com um olhar discreto, rápido e pouco perceptível.

É nessa dinâmica das relações sociais que as crianças apreendem papéis, lugares e valores sociais. Aprender o que, como e quando dizer ou ficar calado. Vão também desenvolvendo tanto esquemas de sobrevivência quanto esquemas interpretativos da realidade em que estão inseridos.<sup>40</sup>

Em praticamente todas as atividades executadas pelos adultos, é possível observar a presença de um grupo de crianças, grupo pequeno ou grande, participando ativamente ou apenas observando. Quando os adultos saem para caçar, por exemplo, as crianças podem ir junto, acompanhar o trabalho e aprender. Muitas vezes acabam espantando a caça ou fazendo outras travessuras desse tipo, o que não será motivo de séria repreensão; quase sempre quando isso acontece todos acabam dando boas risadas.

Os adultos parecem mesmo não considerar a criança um estorvo em sua vida. Mas isto também não significa que todos desejam ter filhos. Existem alguns que demonstram pouca afinidade com as crianças; mesmo assim têm um comportamento parecido com os outros adultos, deixando as crianças bastante à vontade para também procurar a sua atenção. Existem também casos de pessoas que não podem ter filhos por alguma razão biológica; neste caso, ficam à disposição para "adotar" alguma criança; às vezes, como no caso da morte dos pais ou da mãe, isso é necessário.

As necessidades básicas, como alimentação, roupas, uma rede para dormir, uma casa etc. e os cuidados relacionados a alguma doença são de responsabilidade dos próprios pais. Mas,

quando uma criança necessita de algo mais corriqueiro, não é comum irem em busca de seus pais. Para as questões imediatas e práticas, qualquer adulto que estiver por perto serve para atender. Isto acontece de modo tão integrado entre todos que chega a dificultar a identificação de quem é filho de quem. É quase impossível identificar até mesmo os adultos que não têm filhos.

O final da tarde costuma marcar um momento particular na relação entre os adultos e crianças, quando se reúnem em frente à casa para conversar, contar histórias -- contar "um caso", como dizem; antes de irem dormir, o final da tarde é um tempo praticamente reservado para esses encontros, apesar de não terem um horário propriamente definido para isso.

As crianças também demonstram ter cuidado umas com as outras; tratam, muitas vezes, à sua maneira, de algum ferimento causado durante uma brincadeira. Resolvem quase sempre sozinhas as diferenças ou problemas que aparecem entre elas e só vão até o adulto quando realmente não conseguem chegar a um acordo. Os adultos, em geral, não interferem nas suas brigas, quando surgem; assunto de criança, como dizem, deve ser resolvido entre elas mesmas.

A atitude das crianças umas com as outras é bastante parecida com a que os adultos têm entre si e em relação a elas; ou seja, em geral deixa-se que os conflitos sejam resolvidos pelos próprios envolvidos. Mesmo no caso de desavenças graves, como a ocorrida em uma de suas festas, quando, depois de uma bebedeira, dois adultos se enfrentaram com violência bastante para

que um deles chegasse a morder e arrancar a orelha do outro. Os outros adultos, numa forma de "respeito", só interferiram quando um deles pegou um facão.

Durante os dois ou três primeiros anos de vida, a criança é cuidada quase que exclusivamente pelo pai ou pela mãe; pouco se vê, as crianças nessa fase serem cuidadas por outras crianças. Durante esse período, é comum os pais "conversarem" muito com seus filhos, falarem com eles como se estivessem ao lado de uma pessoa adulta. Falam sobre assuntos variados, a fase em que está a lua, a temperatura, sobre os frutos da época, sua cor, cheiro, sabor, tamanho, o trabalho que está sendo desenvolvido na roça, etc. Quando chega alguém perto, a mãe continua falando até que o assunto chegue ao fim, e antes de atender ao adulto ainda avisa para a criança; durante a conversa com o recém-chegado, a mãe continua se dirigindo à criança. Vale ressaltar que, nessa fase, os adultos pouco ficam com a criança no colo.

Presas às costas, as mães levam as crianças nessa idade para vários lugares, nas caminhadas que fazem para a coleta de frutos, na casa de outra pessoa, nos banhos no brejo, no trabalho de coleta da seda do buriti ou qualquer outra atividade dessa natureza. As crianças muito pequenas não são levadas aos cultos religiosos ou reuniões do sindicato. Neste tipo de atividade apenas vão as crianças que não dependem de alguém para acompanhá-las. Nessas ocasiões é muito comum as crianças menores ficarem com o seu pai, porque a mulher exerce uma maior participação na vida social, política, econômica e religiosa do

grupo. O pai não muda o tratamento dado. Ele também fica com a criança a seu lado, tecendo uma fibra e conversando.

A atitude diante das crianças ainda tão pequenas tem explicações: eles acreditam que apesar de estar há pouco tempo no mundo e não saber o que está acontecendo, a criança é capaz de entender, por exemplo, que o adulto está ocupado, e que sua fala representa um cuidado e companhia. Acreditam que assim a criança aprende a ficar sossegada e acreditar no adulto. Acham que é melhor para a criança ficar fora do seu colo, primeiro porque libera o adulto para suas ocupações e, depois, porque acreditam que a criança pode mais facilmente descobrir o que fazer com o que está à sua volta: não estando presa ao colo, pode alcançar algum objeto, procurar o rumo de onde está vindo algum barulho, pode virar de um lado para outro, procurar e escolher o que fazer de acordo com a sua capacidade ou necessidade; pode, enfim, fazer suas primeiras descobertas com mais liberdade.

"No início, os únicos "instrumentos sociais" de que a criança dispõe são seus próprios movimentos, suas próprias reações, a sua corporeidade. Percepção e movimento se confundem na criança. Perceber, para a criança, é perceber pelos olhos, pelos ouvidos, pelas mãos, pelos movimentos. É a fase da inteligência sensório-motora (Piaget 1975), a fase da inteligência das situações (Wallon 1979), e a fase da atividade prática (Vygotsky 1984)."<sup>40</sup>

"As relações das crianças com o mundo são, assim, mediatizadas pelas relações com os outros homens." ... "Neste

processo, que se funda na interação, se dá a elaboração daquilo que é especificamente humano: desenvolve-se uma forma humana e significativa de perceber o mundo." ... "Neste processo, o conhecimento do mundo passa pelo outro (Vygotsky 1984). "Cada indivíduo aprende a ser homem" (Leontiev 1978)."<sup>40</sup>

#### IV.2. Fases e Faixas se Misturam

As crianças da Barra, afirmam os adultos, adquirem seus conhecimentos de maneiras e em ritmos bastante variados. Encontra-se, de fato, alguma dificuldade ao se tentar distinguir as fases de desenvolvimento das crianças, bem como a sequência dessas fases. Também não é possível determinar a idade cronológica das pessoas, já que não existe registro de nascimento ou qualquer outro documento desse tipo.

Nos diferentes grupos de trabalho, as crianças se dividem, ou se agrupam, de acordo com seus próprios interesses. Na prática, essa flexibilidade acaba se traduzindo na formação de grupos claramente heterogêneos. No caso do trabalho com argila, por exemplo, as crianças menores participam de modo consideravelmente integrado desde o começo até o final da atividade, enquanto que as mais velhas modelam rapidamente seu utensílio e partem para outra ocupação.

De um dos grupos de modelagem do barro observados participavam crianças visivelmente de diferentes faixas etárias.



Mas todas eram tratadas simultaneamente, ou seja, não havia divisões dentro do grupo. Todas trabalhavam juntas, mesmo estando em fases diferentes umas das outras: enquanto grande parte mal conseguia fazer a base do pote, outras aprendiam a formar as "tiras" de barro para serem montadas, e poucas já conseguiam dar o acabamento final. A mestra, aliás, considera essa heterogeneidade como um ponto positivo para o trabalho com o grupo, sob a alegação de que o contato com tantas diferenças e possibilidades juntas ajuda no processo de aprendizagem da criança, ou, em outras palavras, a criança pode se desenvolver melhor em contato com outras formas de entendimento, impossíveis de conceber sozinha ou num grupo menor.

O desenvolvimento da criança, enfim, é perceptível pela sua capacidade ou habilidade em executar esta ou aquela atividade. Esta capacidade, aliás, não é confrontada com sua suposta idade cronológica. A criança vai aos poucos se colocando no mundo dos adultos e ocupando seu espaço, mudando atitudes e desejos; o interesse pelo casamento, e por aprender a tecer no tear, é o exemplo mais evidente dessa evolução.

Nesse contexto, em que são bastante difusos os limites entre as diferentes faixas etárias ou fases de desenvolvimento, merece registro destacado, principalmente pela forma com que convivem com a questão, um aspecto marcante da vida dessa comunidade: uma média de 50% da população, adulta e infantil, apresenta alguma deficiência física ou mental. As freiras que mantêm contato constante com a comunidade atribuem

esse fato basicamente à associação de dois fatores: a qualidade da alimentação e a prática de casamentos entre parentes próximos.

Antes de mais nada, é importante ressaltar que a identificação de parte dos moradores como deficientes, e mesmo o uso do termo, serve apenas como recurso da pesquisadora para abordar a questão, já que, para o povo da Barra parece não haver muita distinção. De fato, o elevado número de "deficientes" parece não representar um grande problema para eles. Todas as pessoas possuem os mesmos direitos -- pelo menos, não há discriminação evidente em função de suas condições físicas e mentais. Casam-se, têm filhos, plantam, colhem, fabricam peças artesanais. Existem, inclusive, pessoas sem deficiência alguma casadas com uma outra que, às vezes, apresenta diversas deficiências. Filhos desses casais, é bom notar, nem sempre apresentam alguma deficiência.

A "deficiência física ou mental" não se traduz em constrangimentos visíveis no que diz respeito à convivência social. Esta situação é encarada com uma naturalidade tal, que chegam a apontar nos outros ou em si mesmos alguma "diferença", para esclarecer sua preferência por alguma atividade para a qual desenvolveram uma habilidade específica.

Pode-se dizer que, para esse povo, a "deficiência física e mental" caracteriza apenas diferentes modos de ser. As crianças, por exemplo, parecem até não ter apreendido a noção ou o sentido da incapacidade. Os adultos tratam de forma quase que indiscriminada as crianças, incentivando todas a testar seus limites, suas capacidades, sua autonomia, independentemente de sua

condição física ou mental.

Durante uma coleta de frutos no mato, acompanhada de um grupo de crianças, C. disse a uma delas com "deficiência mental": "ocê que é grande, sobe no pé de lima e pega aquela mais grande madura"; a criança disse: "vô pegá a qui tô veno, dispois pego as qui tá veno". A mulher não respondeu; antes de descer, a criança pegou a lima que a mulher havia sugerido.<sup>27</sup>

Nos casos de crianças com algum tipo de paralisia física, as mães costumam levá-las para todos os lugares: para brincar com outras crianças, para aprender a bordar, trançar alguma seda de palmeira etc. É bastante comum também as crianças deficientes participarem dos banhos no brejo<sup>33</sup>, juntamente com outras crianças; todas nadam, brincam e gostam muito de ficar dentro da água.

Essa participação social acaba permitindo um desenvolvimento progressivo da criança deficiente -- parálitica, surda e muda, ou portadora de outra deficiência. Dona X. fala de sua filha parálitica e muda: "ela sabe munta coisa e trabaio cas mão, bordá em ponto cruiz, fazé balaim piqueno ca seda do buriti<sup>8</sup>, sabe falá cos de casa; uma minina viva e ativa".

Em todas as atividades onde ocorrem as transmissões de conhecimento, os "mestres" não demonstram terem dificuldade em

lidar, ao mesmo tempo, com as crianças deficientes e com as "normais". Para eles, uma criança surda, muda, com alguma deficiência motora, ou mesmo uma que apresente distúrbios mentais, apenas aprende de modo diferente; não encaram estas crianças como incapazes. Consideram, do mesmo modo, que a criança que não apresenta nenhuma deficiência também aprende as coisas de modo diferente, ou seja, à seu modo.

#### IV.3. Formas de Trabalho no Grupo

"Esta forma particular de fixação e de transmissão às gerações seguintes das aquisições da evolução deve o seu aparecimento ao fato ... de os homens terem uma atividade criadora e produtiva. É antes de mais o caso da atividade humana fundamental: o trabalho." ... "Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento das suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos ... Constroem habitações, produzem a suas roupas e outros bens materiais."... "Ao mesmo tempo, no decurso da atividade dos homens, as suas aptidões, os seus conhecimentos e o seu saber-fazer cristalizam-se de certa maneira nos seus produtos ..." <sup>41</sup>

Na Barra da Aroeira, praticamente todos os adultos, inclusive aqueles com deficiências de qualquer natureza, são capazes de fazer, com maior ou menor habilidade, seus objetos artesanais. Estes objetos atendem às suas necessidades; são, em geral, utensílios domésticos para o uso de sua própria família. Isto significa que sempre uma ou outra pessoa vai estar executando

alguma dessas atividades, o que possibilita de alguma forma o contato diário das crianças com esses conhecimentos. É nesse processo que se dá a transmissão dos conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens.

Entre as várias atividades executadas pelo povo da Barra, foram selecionadas as mais representativas desse processo de transmissão dos conhecimentos. Aquelas que se configuravam como coletivas de ensino e aprendizagem, e nas quais alguém assumia o papel de "mestre".

#### Utensílios de Barro

Dona C., uma senhora que trabalha na modelagem de potes e outras vasilhas de barro, e que se destaca tanto pela habilidade que tem para executar este trabalho quanto para ensinar essa arte para as crianças, tem uma opinião ilustrativa sobre esse processo no qual as crianças aprendem enquanto observam e modelam vasilhas junto com ela. Baseada em sua experiência, fala:

"É bão té uma porção de minino por perto quano tô fazeno pote, aumenta a farra; parece um punhado de jeito; isso é mais fáci de vê quano tão tudo junto cos otos. Os minino ruma otos jeito pá fazê pote e a gente vê e os oto tamém."

Dona C. explica que o trabalho é muito mais criativo quando dele participam muitas crianças; acabam surgindo formas variadas de se fazer os utensílios. O professor, nesse caso, não representa o único modelo disponível e as crianças podem encontrar o modo a que mais se adaptam.

"Eles faiz mais tipo de pote quando junta punhado de gente; tem os que passa o tempo e num sabe fazê nada, deve de num tá na hora; eu gosto de ficá co'eles, num sei se ensino alguma coisa. Minino é bicho sabido, aprende tudo o que qué".

A descrição de algumas das experiências -- em que "mestres" e aprendizes estão envolvidos num trabalho artesanal -- pode ajudar a compreender melhor como se processa a transmissão de conhecimentos na Barra. Dona C., por exemplo, já inicia o trabalho de confecção de potes rodeada por um grupo de crianças. Inicialmente, sai para buscar o barro seco, próprio para este trabalho; na volta, coloca-o no pilão, do lado de fora de sua casa e começa a pilar o barro que vai sendo molhado aos poucos; nesta hora já tem criança trazendo água e ajudando a molhar o barro. Ela não diz nada no sentido de sugerir o que deve ser feito, continua até obter uma massa lisa; segundo ela, pilar o barro é uma atividade simples que não necessita de qualquer explicação.

Já para escolher o barro ela mostra qual é o mais recomendado, assim como chama a atenção quando o barro está no

ponto de molde. Estes são os momentos em que fala sobre o que está fazendo; no restante do tempo canta e fala sobre qualquer assunto com as crianças. Quando o barro está pronto para ser moldado, ela pega uma quantidade que caiba na sua mão, e vai para um canto dar-lhe forma; as crianças que desejam trabalhar com o barro fazem o mesmo, pegando sozinhas ou pedindo ajuda para ela; ela separa uma quantidade compatível com o tamanho da mão da criança e todas vão colocar o seu barro sobre uma folha de bananeira ou de outra planta qualquer, de modo que o barro não toque o chão.

Dona C. continua o seu trabalho sem convidar nem oferecer o material para a confecção do pote para nenhuma das crianças; ela se limita a responder às perguntas e observar as crianças que estão trabalhando e, ao mesmo tempo, brincando, falando, dando muitas risadas quando alguém conta algo engraçado ou quando faz um pote fora do ponto central e mostra para ela. O prestígio que tem entre as crianças é visível. Durante todo o tempo também demonstra sua satisfação com elas. Não se incomoda com nenhum tipo de pergunta ou pote fora de forma, com potes que se quebram ou desmancham, ou quando alguma criança joga barro uma na outra ou nela própria -- ela também joga barro nas crianças. Estimulada a falar sobre seu trabalho, deixa a entender que não ensina nada às crianças, que são elas mesmas que aprendem.

Ela diz também que assim como gosta de fazer as coisas da forma que tem vontade, acredita que as crianças devem fazer algo de acordo com suas próprias idéias. Sobre essa liberdade em seu trabalho com a criança, ela acredita que a vontade de fazer

e aprender algo depende somente de cada um. A capacidade para fazer as coisas já nasce com as pessoas, basta que deixem-nas fazer do jeito que acreditam, desejam, ou sejam capazes. Ela cita exemplos das diferenças que percebe entre dois tipos de crianças: uma é a "sonsa", a outra é a "afoita". A criança sonsa, como diz, é a que demora mais a fazer uma determinada coisa, que tem muita paciência; a criança afoita é aquela que não se aquieta para fazer nada, está sempre agitada; uma é muito diferente da outra, mas para aprender não tem muita diferença, porque todas as duas dependem de conseguir um certo "sossego", ou seja, um equilíbrio para poder executar qualquer tipo de atividade. Acredita que ambas demoram a encontrar um jeito para aprender as coisas, ou seja, que esses dois tipos de criança apresentam uma certa lentidão para esse tipo de aprendizagem.

"Minino tem um jeito de aprendê; se num tem, ruma. Os grande e os piqueno aqui no mundo deve de sabê se ajeitá uns cos otos, pá sabé mostrá as picada (trilhas feitas no mato, representando o caminho mais fácil) já feita pos que vão nasceno, mostrano tudo pá dispois escoliê cum crença na escoia. Escolia custosa de fazê, é deixá um rumo pá pegá oto; uma coisa é certa: cada um faiz o que cumbina co'a vida dele" (Dona C.).<sup>27</sup>



Observando-se essa atividade de confecção de potes -- e isto vale também para outra atividade qualquer -- de modo superficial, a impressão que se tem é de estar diante de uma brincadeira, com argila ou outro material, da qual participam um grupo de crianças e um adulto, ou seja, uma farra em grupo. Ao investigar melhor, percebe-se que esta é uma típica relação de ensino e aprendizagem. O mestre está possibilitando a um grupo de crianças um contato direto com a técnica de modelagem do barro. Trata-se, no caso, de um adulto que gosta e conhece bem o seu trabalho. Tanto domina a técnica de trabalhar o barro quanto a de ensinar esta arte, na verdade um ofício que vai atender algumas das necessidades do grupo.

O grupo de crianças observado enquanto participava da modelagem do barro, apresentava condições visivelmente heterogêneas, tanto na idade cronológica quanto nas condições físicas e mentais, além das diferenças relacionadas ao grau de interesse de cada uma. Havia crianças que estavam no grupo apenas para ouvir estórias e brincar com argila; outras interessadas na confecção de potes pequenos, que serviriam para brincar; outra precisava de um pote para buscar água. Todos esses interesses convivem juntos, sem que aparentemente um atrapalhe o outro. Como também não incomoda o fato de que nem todas as crianças participam da atividade do começo ao fim.

Para queimar as peças de barro, é utilizado um forno feito artesanalmente e que também serve para queimar as telhas fabricadas pela comunidade. Nesta fase do trabalho, as

crianças não participam, apenas colocam os objetos no sol para secar; depois algum adulto os leva para o forno. As crianças alegam que têm medo de se queimar, o que aliás já aconteceu mais de uma vez. Só voltam a participar no momento em que as peças, depois de queimadas, já se encontram frias.

A identificação dos objetos é visual, ou seja, não há uma marca determinada nas peças; cada criança identifica a sua de acordo com o conhecimento que tem do seu próprio trabalho; muitas delas são capazes de identificar as suas peças e as das outras crianças, ajudando quem ainda não consegue encontrar seus próprios objetos. Estes não são padronizados, uma vez que sua produção não é destinada ao comércio; todos conseguem identificar cada trabalho; as características de cada autor estão no objeto fabricado.<sup>28</sup>

#### Utensílios de Palha

Em linhas gerais, essa relação entre mestre e alunos descrita no item anterior, essa heterogeneidade entre os participantes, o aparente descompromisso com o ensino, o aspecto lúdico permeando todas as atividades; enfim, esse quadro todo que caracteriza o processo de transmissão de conhecimentos na Barra da Aroeira parece não mudar quando mudam as atividades. Seja na confecção de utensílios de palha ou de seda do buriti<sup>8</sup> -- balaios, cofos<sup>30</sup>, abanos, cordas, tapitis<sup>24</sup> -- seja na fiação, no trabalho

com o tear, ou com a madeira. Mudam as atividades, mudam os mestres, mudam os alunos. Só não muda a dinâmica que caracteriza a relação entre mestre e aprendiz.

No grupo observado em seu trabalho de confecção de artefatos de palha, por exemplo, algumas crianças não participaram da coleta das folhas, ou porque já sabiam a época apropriada e a forma de coletar esse material, ou porque preferiam aprender essa parte numa outra ocasião. A mestra explica que as próprias crianças já sabem que a ausência na fase da coleta das folhas não prejudica o restante do trabalho.

O número de participantes desse grupo oscila muito, bem mais do que no de confecção de potes; algumas crianças saem e não voltam enquanto outras novas chegam. Mas todos estes fatores não alteram a continuidade do trabalho. O grupo apresenta a mesma heterogeneidade física e mental do outro. O trabalho é feito sem muita conversa, mas com muita risada.

Nesta atividade as crianças utilizam técnicas muito variadas, cada uma tem uma maneira diferente de trabalhar. Na hora de tecer, por exemplo, algumas prendem as pontas da seda do buriti embaixo do pilão, outras entre os dedos dos pés, ou entre os dedos das mãos, como faz a mestra; outras ainda, prendem entre os dentes. A mestra M. acha que as crianças simplesmente escolhem a melhor maneira para elas, entre tantos jeitos diferentes de se prender a seda:

"os piqueno acha o mió jeito co'a seda, uns usa o mesmo jeito do oto (deficiente), todos dois

vai veno cumo vai fazé as coisa. Eles aprende o que qué, ninguém nasce sem tê um jeito. Mas é tudo diferente na hora de achá um jeito pá fazé as coisa di pricisão".<sup>27</sup>

## Fiação e Tecelagem

A tecelagem é outra importante atividade artesanal dessa comunidade, representativa também desse processo de aquisição de conhecimentos. A mestra I., considerada uma tecedeira das mais caprichosas, é alfabetizada e casada com um deficiente físico e mental.

Conhece tão bem seu trabalho que consegue identificar quem fiou cada meada de linha. Separa os fios, prende um por um nos dentes do tear e vai falando todos os passos do trabalho em voz alta, explicando sobre a necessidade de os fios estarem todos muito bem presos e esticados.

O seu modo de lidar com esta atividade é como a de um mágico: enquanto manipula os fios, conta casos, fica adivinhando quem teceu cada fio, dá boas risadas, numa prosa que envolve os ouvintes, aprendizes ou não. Ela deixa claro que esta não é uma tarefa que se possa fazer sem prestar muita atenção; por isso, cada um é que deve saber se dá para falar durante o trabalho. Ele não é difícil, mas depende muito de estar atento ao que se está fazendo, pois os pontos podem afrouxar e o tecido sair

com falhas. Desenvolva em sua fala, I.<sup>42</sup> diz:

"isso aqui é um serviço pra quem tá querendo casar; antes não compensa aprender, mas depois que já brincou bastante, já aprendeu a fazer pote, tapiti e outras coisas, que amoleceu as juntas dos dedos, refrescou as idéias, agora já está pronto, até para casar."<sup>42</sup>

Há, na verdade, várias etapas anteriores ao trabalho com o tear. Atualmente o aprendizado começa quase sempre nos mutirões de fiação, introduzidos após a intensificação do contato com a Igreja e com o Sindicato. Nessa atividade, não é comum a participação de crianças pequenas; se aparece uma ou outra menor, não demora muito para ir fazer outra coisa.

"O trabalho com o tear depende muito da cabeça e das mãos trabalhando na mesma hora. É como trançar a vida, uma coisa que não se pode fazer de qualquer jeito. A linha não vira um pano ou uma rede sozinha, é como criança que não vira adulta sem antes saber algumas coisas. As partes tem de vir uma atrás da outra. Não pode vir nada antes da hora, se não chega no fim e não tem como arrematar o pano."<sup>42</sup>

As crianças que participam dos mutirões, ajudam a descaroçar o algodão, buscam e trazem os chumaços de algodão cardado, levam para ser fiados no fuso ou na roda de fiar, e ficam por ali sem conversar muito, como se não tivessem nada para dizer a não ser dar algumas poucas risadas.

"Quem pensa que pode fazer um ponto sem dar um amarrio ou um nó depois do outro é porque não está no tempo de aprender a tecer ou porque não quer aprender; neste caso é melhor esperar o tempo certo. Este serviço é um dos derradeiros a ser aprendido pela criança, é quando ela tá largando de ser pequena. Pra tecer, tem que ter muito prazo prá gastar, e uma coisa que as crianças não têm é paciência."<sup>42</sup>

Uma das explicações dadas pelas mulheres sobre o silêncio dessas crianças é que, à medida em que vão chegando à idade de casar, ficam sem "saber direito se já está grande ou não e perdem um pouco o rumo". É bom destacar também que, durante esses mutirões, os adultos assumem uma postura muito solta e descontraída, o que pode deixar a criança sem saber direito como agir diante de adultos que parecem crianças, numa espécie de algazarra adulta.

O mutirão de fiação é um momento em que as mulheres se referem a assuntos particulares: falam sobre outros parceiros,

sobre a vida sexual, tomam cachaça, comentam sobre a vida dos outros, falam de política sindical, se agarram e riem sobre piadas pouco claras para as crianças que estão por perto. A participação dos homens é pequena; em geral eles ficam em suas casas cuidando das crianças pequenas e aparecem apenas para levar comida, água, café, chá ou cachaça; quando entram no local onde as mulheres estão trabalhando, elas muitas vezes fazem algum comentário em tom de brincadeira que os deixa aparentemente constrangidos, fazendo com que saiam rapidamente, entre boas risadas. Existe, de fato, um ambiente pouco favorável à participação dos homens e das crianças nessa atividade.

#### Benzer e Curar

*"Como na prática não se emudece para sempre, faz-se uma opção entre o que se pode dizer e o que não se diz. Silencia-se o que melhor se conhece."* (Canetti, 1983)<sup>43</sup>

Não poderia deixar de abordar uma outra forma de trabalho, de natureza bastante diversa das atividades artesanais, mas de importância fundamental na vida da comunidade. A benzedura -- ato de benzer, acompanhado de rezas, com a finalidade de afastar algum mal ou curar alguma doença -- cujo ensino é bastante diferenciado, uma vez que depende fundamentalmente do empenho da criança desde pequena e de uma grande empatia entre mestre e aprendiz.

Praticamente todos os adultos dessa comunidade, segundo eles próprios afirmam, sabem benzer contra algum mal corriqueiro ou fazer uso de chás medicinais. Mas apenas três pessoas são reconhecidas por todos como curandeiras, responsáveis pelo tratamento tanto das doenças simples como das mais graves. É importante destacar que nenhuma dessas pessoas se dispôs a falar do assunto quando tomado sob a ótica da religiosidade, mas apenas quando encarado como um ofício ou uma arte, que pode ser ensinada. É neste sentido, de ofício ou uma arte a ser ensinada, que "Benzer e Curar" se inserem neste capítulo sobre Educação e não aparecem aqui relacionados a uma prática religiosa.

Segundo uma delas, para se aprender os segredos da cura e da doença, deve-se antes aprender a lidar com as plantas, para saber reconhecê-las no mato. Para isso deve-se ter olfato, visão, paladar e tato apurados, para poder diferenciar a textura da planta, saber sua idade e se está pronta para servir de remédio. O início do processo de aprendizagem é mais ou menos parecido para todas as crianças, mas para aquela que deseja continuar o processo e tornar-se capaz de benzer e curar alguma enfermidade, depende de encontrar dentro de si a capacidade de sentir a dor que sente um enfermo, de se colocar no seu lugar, para poder ter a dádiva de curar; isto só acontece com as crianças maiores, que já estiveram em contato com os chás e as ervas que foram utilizadas em sua própria casa ou em outras ocasiões, e já puderam presenciar casos de enfermidade e morte.

Assim, quando opta por continuar nessa direção, a



criança já não está se sentindo mais tão criança, assegura a curandeira, Dona E.. À essa altura, ela ao menos já acompanhou esse trabalho muitas vezes, ao lado de alguma curandeira. Aliás, essa é a forma mais natural de demonstrar seu interesse em aprender. É nesta fase, em geral, que ambos, o mestre e o aprendiz decidem se vão ficar juntos, pois, segundo Dona E., nesse tipo de aprendizagem, quando se transmite os segredos da cura, se não houver empatia entre ambos, o aprendiz está livre para procurar outro mestre. Esses "segredos", aliás, só são transmitidos quando o mestre considera o aprendiz preparado para o "mundo espiritual", onde prevalece a fé no poder de cura, a crença no sobrenatural e na necessidade e eficácia dos rituais (não acessíveis à pesquisadora).

Estas últimas palavras da curandeira foram ditas com muita reserva, dentro do próprio espírito do depoimento, de explicar os principais aspectos de sua arte e da forma peculiar de transmissão desses conhecimentos sem adentrar para discussões sobre os mistérios da cura. O cuidado de Dona E. em se resguardar lembra Canetti (1983)<sup>43</sup> quando fala do segredo como elemento do poder: "Aqui o segredo se expressa excepcionalmente de forma ativa. O detentor do poder, que dele se vale, o conhece muito bem e sabe apreciá-lo devidamente segundo sua importância em cada caso."

Segundo Dona E., o aprendiz vai descobrir que esse trabalho exige que esteja sempre disposto a deixar o que está fazendo para atender alguma pessoa. Além disso, deve-se estar em

contato permanente com a natureza, afastado de grupos de pessoas, pois se acredita que o retiro pode propiciar sabedoria e força interior. Esta é uma atividade que depende de um grande investimento pessoal durante toda a vida, pois a comunidade dá preferência aos curandeiros mais velhos e dedicados. Esperam inclusive que, antes de sua morte, estes deixem um outro para ocupar o seu lugar. Todos esses pré-requisitos para exercer essa função, de certa forma selecionam rigorosamente as pessoas interessadas.

É dentro desse contexto cultural, onde sobrevivem hábitos arraigados -- perpetuados através de gerações -- de transmissão diária dos conhecimentos, fundamentalmente voltada para atividades práticas e funcionais, que se inicia um processo de implantação da escola formal na Barra da Aroeira. Processo, é bom notar, enormemente dificultado pelo desconhecimento de características fundamentais da cultura desse povo.

CAPITULO V  
ESCOLA NA BARRA

## V.1. Antecedentes e Alfabetização

A escola da Barra da Aroeira funciona desde 1985. Nessa época já haviam começado os conflitos com os fazendeiros vizinhos, na disputa pela posse das terras onde mora o povo da Barra. Com a interferência da Igreja, através do Bispo de Porto Nacional, os ânimos se acalmaram na região e a comunidade decidiu que as crianças iriam aprender a ler e a escrever. Para isso, duas moças do grupo foram fazer um curso para professores na cidade de Santa Teresa. A essa altura, a prefeitura de Novo Acordo, município do qual faz parte a Barra da Aroeira, assumiu o pagamento das duas professoras. Prometeu ainda manter a merenda escolar e os materiais escolares. Na prática, evidentemente, muito pouco das promessas foram cumpridas. Em meados de 1990, devido aos muitos problemas práticos surgidos -- relativos à metodologia de ensino, conteúdo das disciplinas, comportamento das crianças, remuneração das professoras, discordâncias políticas com a prefeitura etc. -- a escola deixou de funcionar com a relativa regularidade de antes, chegando até a ficar fechada por alguns períodos.

Antes da implantação da escola, entretanto, a preocupação com o ensino do alfabeto já existia há mais de 10 anos na Barra. O papel de alfabetizador era desempenhado pelo senhor D., a única pessoa letrada na comunidade. A ele se chegavam crianças e adultos curiosos e interessados em aprender a ler e a escrever. Atendia a pequenos grupos de três ou quatro pessoas em

sua casa, geralmente moradores das proximidades, já que naquela época as moradias eram todas bastante espalhadas e distantes umas das outras. Com o tempo, a comunidade resolveu organizar um pouco mais esse ensino e se dispôs a dispensar o "professor" dos afazeres diários para que pudesse dedicar-se mais ao trabalho com a alfabetização. Em troca, recebia os mantimentos para seu sustento.

O senhor O. é uma figura curiosa da comunidade. Tinha o hábito de guardar palavras escritas, encontradas e recortadas de embalagens antigas de produtos. Ele já morou fora da Barra em outras localidades -- onde aprendeu a ler, escrever e os princípios básicos da aritmética -- mas, segundo ele, já faz pelo menos 40 anos que não sai de lá, não teve mais vontade. Sobre o aprendizado da escrita e da leitura, ele diz:

"É tirá da cabeça uma nuvem de fumaça e ficá tão claro lá por dentro que a gente pode depois enxergá os buraco que ela tem e por neles as letra e outras coisa que, prá descobrí, depende de guiá a idéia prá muitos rumo diferente. Devagá as sabedoria vai ocupano os buraco que o disnuviamento vai fazeno. A pessoa não sabe disso, e nem acredita antes de aprendê, e num percebe que as idéia dum homem estudado é de jeito muito diferente dos que num estudô."<sup>27</sup>

Ao fazer este depoimento, o senhor D., na verdade, estava se dirigindo a uma pequena aglomeração de pessoas que havia se formado à sua volta, para mais uma vez tentar convencê-las da importância de se aprender a ler e a escrever e de se adquirir novos conhecimentos.

"É como falá numa língua diferente. Um burilou mais a cabeça do que o outro. Num é atoa que o sujeito muda de jeito e um outro não. Tem gente que muda muito por fora. Fala outras falas, arruma outras vestimentas, coisa dos mais fraco."<sup>27</sup>

Ele explica, aos que não entenderam sua fala, que as pessoas "mais fracas", quando começam a adquirir novos conhecimentos, conhecer outras culturas, podem acabar desprezando, disfarçando ou até mesmo se envergonhando de costumes amplamente aceitos em sua própria cultura. Continuando, o senhor D. faz questão de explicar a diferença que acredita existir entre o significado de falar outra língua e falar outra fala:

"Falá ota língua é de ota nação de gente. Ota fala é falá com palavra que não usa naquele lugá, palavra difíci, conhece? Mas isso é poco, perto do que pode fazê a sabedoria do dotor. Esse sim, é que muda mais, muda só por dentro.

Se quisé passa como que não sabe lê nem escrevê, usa um traquejo no tipo e na fala que ninguém nem dá fé do que ele sabe. É o tipo mais preparado, que dá conta de sê camaleão sem esforço, do tanto que quisé."<sup>27</sup>

Para exemplificar seu depoimento, o senhor O. conta que já conheceu pessoas, muitas delas ligadas aos movimentos pastorais da Igreja Católica, que, apesar de seus estudos e diplomas, falam e agem de forma bastante simples, como que camuflando seus próprios conhecimentos. E conclui com uma observação curiosa, a de que as pessoas alfabetizadas são capazes, por exemplo, de aprender rapidamente atividades manuais às quais não estão acostumadas, enquanto o inverso nem sempre ocorre:

"Uma pessoa pode aprendê fazê um punhado de coisa com a mão, e não aprendê nada da leitura, eu já ví isso muito, mas uma outra que aprende a leitura basta pegá que vai sabê fazê um pote e otas coisa desse tipo. Pode num ficá um pote que nem o da Cândida, mas resolve suas pricisão. Essa é a diferença (entre o que estudou e os outros) e o bicho homem não fica sem aprendê nada de nada".<sup>27</sup>

O Sr. O. introduziu o ensino do alfabeto, ou

melhor, iniciou um processo de alfabetização na comunidade, embora tenha conseguido sucesso apenas com a sua própria filha e duas sobrinhas que, segundo ele, tiveram muita vontade de aprender. Todos os membros da comunidade sabem da existência da escrita e da leitura, embora apenas dois adultos, apesar das dificuldades para ler e escrever, sejam alfabetizados, além das sobrinhas e da filha. O desejo dele de "ensinar a leitura" só foi impedido pela deficiência visual que a idade tratou de lhe colocar.

Além de saber ler e escrever, o Sr. O. sabe também muitas outras artimanhas, que são no mínimo, curiosas. Ele desenvolveu, e ensinou a algumas outras pessoas, uma técnica de falar o português de trás para frente, como por exemplo: "quero o chapéu"; "roque o peucha". Esta foi uma das frases que foi repetida muito lentamente para que fosse possível compreender a tradução. Nesta linguagem, ele e alguns outros, praticamente só os mais velhos, conversam longamente, sem atropelos, sobre qualquer assunto que desejam, e durante os bate-papos tem-se a impressão de que estão falando numa língua distinta do português.

O senhor O. disse que por muitas vezes escapou de confusões por não falar uma língua compreensível. Ele desejou muito que todos do grupo falassem tal linguagem, além do português, mas foram poucos da comunidade que aprenderam. Alguns, como sua filha F., uma das professoras da Barra, entende as conversas, mas não sabe falar o português de trás para frente.

O Sr. O. e sua filha falam da importância e do papel da escola. Ele acredita que todos devem saber ler e escrever



para "limpar e arrumar a cabeça, para serem capazes de aprender com facilidade muitas outras coisas que desejarem". Ela diz, com a concordância do pai, que: "a pessoa que sabe ler e escrever pode se defender melhor do mundo, pode conhecer mais coisas", porque, segundo ele, "os livros trazem coisas escritas sobre outros jeitos de vida e a gente pode ler e ficar sabendo". A filha completa, afirmando que "quem não sabe ler não consegue as mesmas coisas dos que sabem" e dá como exemplo as histórias que o pai lhe contava e que havia lido em algum livrinho e o seu desejo de poder ela mesma ler aqueles casos e outros que poderia escolher.

Ambos asseguram que esta sua forma de encarar o ensino encontra respaldo na maioria dos membros dessa comunidade, que atribuem à escola a função de fornecer possibilidades de acesso a novos conhecimentos, que servirão, por sua vez, de "arma de defesa" da comunidade frente aos perigos externos.

Estes depoimentos nos remetem para uma definição sobre aquisição do saber, o papel do ensino escolar e o acesso a outras possibilidades de progresso humano: "A aquisição do saber é, portanto, uma necessidade humana, uma vez que possibilita a ampliação das capacidades humanas para o desenvolvimento da atividade humana material e social. A educação escolar tem um papel insubstituível no provimento de conhecimentos de base e habilidades cognitivas e operativas necessárias à participação na vida social, o que significa acesso à cultura, ao trabalho, ao progresso, à cidadania". (Libâneo, 1986)<sup>44</sup>

O Sr. D. também concorda com sua filha que "na

cabeça das pessoas cabe uma infinidade de coisas e sabedorias, mas é como na crença em Deus, tem que desenvolver, mais e mais, um jeito de lidar com ela, acreditando muito e firmemente naquilo". O pai continua:

"a escola é um lugar onde junta um punhado de gente querendo descobrir e aprender mais coisa durante aquelas hora combinada. Todos dia deve pegá um pouco de tempo pá praticá o jeito de aprender. A tarefa feita na escola ajeita ou não com os menino. Se gostam, ficam, se não, vão brincar e aprender outras coisa sem tê que ficar fechado. O que ensina na escola faz a criança ir prá um ou outro rumo".<sup>27</sup>

Essas afirmações não ficam muito distantes da abordagem de Libâneo (1986)<sup>44</sup> sobre métodos e conteúdos: "São os conteúdos que mobilizam ou não a atividade do aluno, são eles que trazem ou não questões essenciais que tenham ou venham a ter significado vital".

## V.2. A Prática Escolar

Na escola da Barra da Arceira, a metodologia de ensino e o conteúdo das disciplinas teoricamente não diferem, por

imposição da própria Delegacia de Ensino, das demais escolas públicas da região. Lá, como nas outras escolas do município, existe a expectativa de que as crianças decorem as letras do alfabeto, que sigam as lições da cartilha fornecida pela prefeitura. Espera-se que os alunos aprendam a ler e a escrever.

Mas, é bom lembrar, não são poucas as divergências, disseminadas por todos os cantos do país, em relação aos objetivos da alfabetização, e a várias outras questões já antigas da Educação Formal. São questões frequentemente debatidas em seminários, reuniões científicas ou em publicações especializadas em educação. Encontramos "... desde aqueles que entendem a alfabetização como o domínio da mecânica da leitura e da escrita, até os que a concebem como um processo de compreensão e expressão de significados (Moyses, 1985; Gnerre e Cagliari, 1985 e outros)". (Kramer, 1986)<sup>45</sup>

"De um lado, valoriza-se o produto final, a partir de uma compreensão de alfabetização enquanto aquisição de mecanismos; de outro lado, enfatiza-se a construção, a partir de uma compreensão da alfabetização enquanto processo de produção da leitura e escrita". E conclui: "... ou se ensina passiva e mecanicamente as crianças a ler e escrever ou se possibilita seu contato e convívio com produções (jornais, revistas, etc.), favorecendo sua construção ativa e dinâmica do código escrito."<sup>45</sup>

Na Barra da Aroeira, antes do início formal da escola, as duas professoras indicadas pelo grupo, tendo aceito a indicação, passaram por um período de treinamento fora da

comunidade. Receberam os materiais didáticos básicos, ou seja, lápis, cadernos, giz, lousa, cartilhas e um manual do professor produzido pelo antigo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Este material, como muitas vezes acontece na rede pública de ensino, não foi suficiente. Receberam também um pouco de merenda escolar, mas as crianças não consumiram -- as que experimentaram não se sentiram muito bem -- talvez por ser um alimento muito estranho ao que estão habituadas a comer.

Como em todas as escolas públicas municipais da região, a remuneração das professoras da Barra é irrisória, equivalente, na época da pesquisa, a um quarto do salário mínimo, com o agravante de ficarem sem receber, às vezes, até por seis meses seguidos. Primeiro, porque é difícil ir até a prefeitura de Novo Acordo buscar o dinheiro; segundo, porque a passagem de ônibus é cara demais perto do valor do salário e, terceiro, porque nem sempre o pagamento está disponível, mesmo após terem se passado seis meses. Em casos como este, chegam a ficar na cidade mais de uma semana esperando que o salário saia, o que faz, muitas vezes, com que os ganhos acabem por não cobrir sequer as despesas da viagem.

Embora tenha tantos pontos em comum com as escolas da rede oficial de ensino de outras localidades, ainda assim a escola ou a educação formal na Barra, durante seus mais de cinco anos de existência, tem funcionado com uma série de particularidades que merecem ser apontadas.

Um desses aspectos, que aqui cabe ressaltar, é que

a escola é frequentada por todas as crianças da comunidade, independentemente do fato de serem "normais" ou apresentarem graus variados de "deficiência física e mental". As pessoas da comunidade, como já vimos, alegam que todas as crianças, se tiverem interesse, podem aprender.

Muitos adultos afirmam sua crença de que um dos principais ingredientes que devem nortear a relação ensino/aprendizagem é a consideração pela vontade das crianças, para que estas possam dispor de toda a sua capacidade, partindo do seu próprio interesse. Neste sentido, as duas professoras da comunidade chamam a atenção para o fato de que, entre as crianças que frequentam a escola na Barra, muitas das que apresentam deficiência estão no mesmo nível, às vezes até mais integradas no processo de aprendizagem, que as ditas normais.

Como foi dito anteriormente, as crianças da Barra têm hábitos muito diferentes das crianças de outras localidades próximas, assim como os pais e professoras. Muitos dos problemas que surgem diariamente na sala de aula, embora aparentemente iguais aos de outros lugares, têm, na verdade, origens diferentes.

As diferenças começam, muito antes de as crianças chegarem à escola, na relação com os seus primeiros professores, os mestres-artesãos. Pelo fato de ser um povo que vive semi-isolado, as crianças recebem dos próprios artesãos os ensinamentos essenciais para as necessidades básicas, como a confecção artesanal de objetos e utensílios.

Nessa relação, as crianças aparentemente não são

pressionadas a aprender sem que tenham interesse; até porque, depois de adultas, cada uma vai executar as tarefas ou artesanatos de acordo com suas habilidades. Parecem também dispor do tempo que for necessário para a aprendizagem. Os mestres das atividades, por sua vez, possuem, de acordo com o valor atribuído pela própria comunidade, uma "capacitação inegável" para executar suas tarefas e, na hora de ensinar, são despretensiosos, e trabalham sem pressa e com aparente prazer.

Justamente uma das dificuldades das professoras em seguir as recomendações do manual do MEC ocorre em relação à disciplina das crianças em classe, o que já criou problemas entre pais, alunos e professores. Segundo as professoras, foram necessários mais de dois anos para que as crianças se habituassem a permanecer por mais de 1 hora dentro da sala de aula. É interessante notar que, em seu ambiente natural, essas mesmas crianças estão acostumadas a ficar até uma tarde inteira modelando argila ou executando uma outra atividade do gênero.

Um outro ponto relevante a considerar é que as professoras reconhecem a dificuldade existente no aprendizado da linguagem escrita e também que o curso de preparação de professores (realizado na cidade de Santa Teresa) não foi suficiente para fornecer os subsídios necessários para uma possível solução dos problemas que surgem dentro da sala de aula. A professora R., da Barra, diz que:

"As coisa e o jeito de ensinar, dado lá no

curso, não dão certo por aqui (na Barra). Lá na escola do curso, tem até polaco (sino) prá os menino saber a hora de sair e entrar na aula. Teve também um pedaço do curso que era preciso dizer o que foi ensinado aqui na escola; dissemos que foi dado o pedido no papel. Não precisou dizer se tinha dado certo, a hora venceu antes. Os menino daqui não liga prá quase nada que tem nos livro, e é custoso entender muita coisa até prá nós."<sup>27</sup>

Em outras palavras, as professoras fazem e admitem um programa para cumprir obrigações legais, mas dificilmente o desenvolverão. Elas alegam ainda que não tem nada contra a resistência das crianças em aprender uma atividade em que não enxergam a validade.

Um depoimento significativo da outra professora da Barra, feito logo após voltarem desse curso em Santa Tereza, recoloca a questão do que consideram como inadequação e ineficiência do curso de treinamento de professores:

"No primeiro dia foi uma mulher falar sobre o curso. Ela disse que era delegada de ensino, mas não usava farda. Ela falou muito tempo, mas coitada, a língua dela não ajudava a gente entender o que ela dizia. Eu percebi que

ninguém entendia nada. Escutar ela deu uma canseira, maior do que ir 30 quilômetros a pé daqui até Santa Tereza. Na hora da parada (intervalo) não teve ninguém que soubesse esclarecer o que havia sido dito por ela. As que tentaram, fizeram o mesmo, falaram coisa que também não deu para entender e uma delas disse que era muito estudada por falar de modo que ninguém entende. Eu pensei comigo: se for para eu ficar desse jeito e ensinar as crianças a ficarem assim também, falando de modo a esconder mais do que esclarecer, e não servir para outros entender as coisas, é melhor deixar disso."<sup>27</sup>

### V.3. Formal ou Informal?

Os procedimentos adotados na Barra da Aroeira dentro do contexto do ensino formal quase sempre se confundem com os utilizados no ensino informal. A descrição de alguns desses procedimentos torna possível uma reflexão sobre os dois tipos de aprendizagem nessa comunidade semi-isolada, onde parece ocorrer um tentativa de adequação à educação formal da experiência com o ensino informal, através da transposição de diversas normas.

Levando-se, evidentemente, em conta o contexto em



que vivem, podemos dizer que, dentre esses dois tipos de ensino aplicados, de forma simultânea, às crianças da Barra, o informal apresenta uma maior eficácia do que o formal. Como diz R., uma das professoras, "... no fim, a criança aprende a fazer pote, cesto de palha, e não sabe ler nem escrever".

A escola funciona num galpão que foi feito para as reuniões da comunidade. É coberto de telha comum, e feito de tijolo de barro crú; tem duas portas largas, uma na frente e outra nos fundos. Os bancos, feitos, quase todos, de troncos roliços -- apenas um ou outro tem o assento lavrado, liso -- ficam em volta de todo o salão. A lousa, pequena, serve apenas de enfeite ou para as crianças desenharem, pois onde a professora escreve mesmo é numa enorme "lousa" feita de várias tábuas pela própria comunidade; o giz é, na verdade, carvão de madeira queimado na trempe<sup>7</sup>. O apagador é um pedaço de pano, tecido no tear, umedecido com água misturada com polpa de tingui<sup>46</sup>. A professora tem um banco menor e uma mesa feita com casqueiro (casca bem grossa de árvore).

As crianças são divididas em grupos, levando-se em conta principalmente a capacidade que apresentam para ler e escrever. Essa tarefa não é difícil para as professoras, que conhecem bem cada aluno. Mas as professoras afirmam também levar em conta outros fatores. As crianças que não gostam muito de levantar cedo, por exemplo, não são colocadas, se possível, na primeira turma.

O horário da primeira turma começa logo depois que

as crianças acordam pela manhã, o que significa que não chegam todos ao mesmo tempo na escola, já que, como dizem os pais, "nem todos vão dormir com a mesma canseira"; é bom lembrar que lá não se usa relógio. A segunda turma inicia suas atividades, já com a outra professora, depois de terem brincado um pouco, tomado um banho no brejo ou andado pelo mato, ou seja, mais ou menos às 10 horas da manhã. Neste caso, as professoras justificam o fato de os alunos não chegarem ao mesmo tempo na escola dizendo que "cada criança, ou grupo, vai fazer uma coisa diferente uma da outra e por isso uma pode demorar mais do que outra". A terceira turma, por sua vez, deve começar as aulas depois do almoço. As crianças também não chegam todas juntos pois, em cada casa o almoço sai na hora em que estão com fome. A quarta e última turma deve se encontrar na escola por volta das 3 horas da tarde.

As crianças, de um modo geral, param pouco dentro da sala de aula, principalmente no período da tarde, quando o calor as leva muitas vezes até o brejo para um banho, de onde acabam indo para o mato atrás de frutas. As professoras não vêem sentido nem motivo para obrigá-las a permanecerem por muito tempo sem sair. Elas acham que depois que saem para dar uma volta, as crianças voltam com mais vontade. De qualquer modo, os pais não concordam que a criança seja impedida de sair da sala de aula.

Dentro desse quadro, não sobram para as aulas mais do que 1 hora e 30 minutos em média. Ainda assim, em parte desse tempo as atividades são desenvolvidas fora da sala de aula. A própria professora tem dificuldade em passar esse tempo dentro da

sala de aula. Um fato curioso é que quando uma aula termina num banho no brejo, a aula seguinte certamente vai ser iniciada lá mesmo, porque as crianças da próxima turma acabam sendo atraídas pela farra. Improvisa-se lápis com um pedaço de madeira, a areia servindo de papel.

Algumas crianças vão à escola em mais de um horário por conta própria; por outro lado deixam de ir ou não ficam na sala no horário regular, na turma em que estão inscritas. O número de crianças em cada grupo varia, em geral, entre 20 e 25, mas é comum encontrarmos a sala quase vazia ou, às vezes, superlotada, dependendo da disposição das crianças. Os adultos também, às vezes, vão à aula; alguns frequentam até regularmente a escola, embora em períodos variados, de acordo com seu próprio critério.

Em relação ao conteúdo das disciplinas, várias adaptações foram feitas. O que é pedido na cartilha, por exemplo, é, sempre que possível, "reinterpretado", traduzido, adequado pelo grupo ou pela professora. Um exemplo: na cartilha, a palavra "sopa" deveria ser lida e escrita no quadro; em seguida dividida em sílabas e depois separadas as letras. As crianças, olhando o desenho ao lado da palavra, rapidamente corrigiram a professora dizendo "coité"<sup>47</sup>, pois observaram mais o prato em que estava a sopa. A professora mudou então para a palavra coité. Escreveu, repetiu todo o processo, mas na hora de separar as sílabas surgiu um problema: "co-i-té" não dava o mesmo resultado da palavra "so-pa", quando as crianças foram separar as sílabas através do som. Deram boas risadas e procuraram juntas uma outra palavra. A

professora explicou que deveria ser uma palavra que, para dizê-la, era preciso abrir a boca duas vezes. Uma sugeriu no lugar de sopa, "arve", uma outra sapo, bicho, onça, casa, côco etc. Optaram pela palavra boca.

Desta forma, professora e alunos, vão adaptando, ao seu modo, a cartilha. Muitas crianças já reconhecem as letras e até conseguem ler algumas palavras. Mas, quando aparece alguma palavra diferente, elas não dão sequência à leitura, pulam a palavra ou substituem por uma outra. Isto parece não representar nenhum problema para eles; no máximo dão boas risadas quando nem professora nem aluno sabem o significado de alguma palavra.

Quando a professora tenta introduzir uma ou outra palavra nova, estranha ao seu linguajar habitual, as crianças alegam não poder escrevê-la, porque não conhecem. A discussão vai longe e quase sempre termina com a mudança para outra palavra do seu próprio vocabulário. Sobre isso, a maioria dos pais concordam com Dona L. que:

"se a criança aprendê a escrevê e a lê os nome das coisa que conhece, depois que topá com as ota vai sabê lê, o que não vai é sabê o que tá dito. Nessa vida tudo que aprende num é que ocupa lugá, pode é não tê serventia, mas que pesa isso não pesa. Não custa aprendê as coisa, o que não presta é tê que fazê uma coisa que acha custoso, ruim. Tudo que é na força, sem o

gosto não tem sabedoria."27

Para trabalhar outros conteúdos, tais como ciências e matemática, utilizam o mesmo processo do ensino do alfabeto. Aproveitam a infinidade de nomes de plantas e animais que as crianças conhecem, falam sobre a época da colheita dos frutos, a alimentação dos animais, o período de acasalamento, se amamentam os filhotes ou não, quantas luas demora para nascer cada espécie de filhote, se saem da barriga ou são chocados em ninhos, onde preferem fazê-los etc.

A matemática é também abordada através dos conhecimentos das crianças: a professora sai para dar uma volta com o grupo e vai contando em voz alta quantos pés de buriti tem no caminho da escola até o brejo, assim como de outras plantas. Este método para o ensino da matemática parece mais eficiente do que o adotado para a alfabetização. Segundo as professoras, a maioria das crianças acaba aprendendo a contar, muitas aprendem também a adição e a subtração; poucas, entretando, aprendem a ler e escrever.

Depois de se observar longamente a relação dos membros dessa comunidade com o ensino formal, pode-se concluir que a educação formal é vista, ou praticada, sob a mesma ótica da informal. Em outras palavras, os professores, os pais, e mesmo os alunos, constantemente adaptam o conteúdo e a prática escolar ao aprendizado da vida, aos conhecimentos que as crianças adquirem naturalmente com os mais velhos à medida que vão crescendo, como

está descrito no capítulo referente ao ensino informal.

É interessante notar que as pessoas desse grupo demonstram uma enorme satisfação pelo que sabem fazer. Cada uma individualmente, e a comunidade como um todo, valoriza o que seus membros aprenderam através da sua relação de ensino informal, cotidiana. Para eles, essa forma de transmissão de conhecimentos tradicionais e artesanais é tão suficiente e eficiente, que chegam a desprezar o ensino formal, classificando-o como de pouca serventia, ineficaz e insuficiente para atender o desejo e as necessidades da criança como também para atender os objetivos a que se propõe. Até mesmo as duas professoras concordam que essa opinião dos pais só poderá ser mudada se o ensino escolar levar mais em consideração o cotidiano e a realidade das crianças na Barra da Aroeira.

#### V.4. Relação de Ensino: Um Depoimento

*"Deixá os piqueno fechado, sem gosto desse jeito, é capaz de fazê os coitado ficá meio passado do jeito deles. Porque uma coisa desse tipo só pode tirá o tipo da pessoa."* (Dona M

O depoimento de Dona M., uma parteira, é um bom exemplo do modo de pensar desse povo. Ela faz referências à escola, ao ensino formal, ao trabalho das professoras e demonstra sua incompreensão e perplexidade diante desses métodos de ensino. O que ela tem a dizer parece algo distante desta relação de ensino

e aprendizagem. Mas, apesar de utilizar um discurso longo e cheio voltas, consegue abordar aspectos importantes diretamente ligados ao processo de aprendizagem da criança.

"Antes de aprendê esse ofício, passei tempo só oiano como é que faiz. Aprindi que o pequeno quando nasce e depois de passado o tempo, precisa de muitos cuidado que a mãe deve tê. Ela deve ensiná o fio a tê a marca dela, do pai e dos odo da família. Tem de sabê falá com a criança das coisa que existe no mato, na terra, nas planta, no tempo que tempera a vida das coisa toda que existe aqui. Aprendi que a criança desde cedo deve ficá longe de reboião de baruiada estranha, conversa de gente e das coisa que vem de fora, prá ela não perdê o jeito. Por aquí a gente tem fé que as criança vai cresceno e devagá panhando o jeito do lugá, até parecê co ele. É igual os bicho e as planta; têm cor igualzinho uns cos odo, é só vê um bando de maritaca sentano nu pé de goiaba". (fica tudo verde e amarelo).<sup>27</sup>

Este depoimento é de uma das parteiras mais antigas da Barra, uma mulher bastante idosa. Não participa de nenhuma das atividades ligadas à Igreja ou ao Sindicato; mesmo assim é uma espécie de conselheira do grupo. Todos recorrem a ela antes de tomar qualquer decisão. Dona M. é uma figura importante para o povo da Barra.

"No mato gente vê essa misturera das cor e dos jeito. A raposa, o veado e os oto bicho, é parecido co as cor e o jeito das planta, isso é o que ajuda eles se defendê e escondê no mato, dos oto bicho e de tudo que pode acabá co eles. Eu sei que tem gente, bicho e planta que ruma um jeito de sé muito diferente do lugar que nasceu, mas não é coisa da natureza dela, deve ser ota coisa que fez ela mudá de jeito. Isso tudo é coisa que a gente aprende com o o tempo, e para ser parteira, deve aprendê antes como é um pouco a arrumação do mundo, das planta e da vida. Prá aprendê essas coisa tem que tê muito prazo, tem que fazê co as coisa viva (plantas, ervas etc.) o que ocê fez co aquele negócio (máquina fotográfica), quano apontô pá o lado de Dona F., o marido e os fio, e depois deu prá ela guardá um papel com a cara deles pregada." (ela se refere à memorização)."<sup>27</sup>

Dona M. compara o seu trabalho com todos os outros desenvolvidos lá e considera-o de igual importância. É uma das poucas que não anda acompanhada por outras pessoas. Fala pouco e lentamente; para registrar este depoimento foram necessárias dezenas de conversas. Ela mora afastada do aglomerado de casas, do povoado, e costuma fazer longas e frequentes caminhadas pelas roças e matas. É uma atenta observadora das pessoas e de tudo que



se passa à sua volta.

"Eu comecei a sê parteira desde nova, é um ofício custoso, poca gente aprende, não por causa das coisa da natureza que é prciso sabê ... isso todo mundo aprende prá vivê ... é que tem de gostá muito disso, não pode sê feito à toa, porque falta parteira na hora de uma prcisão, aí faiz um sirviço qualqué e passa coisa ruim pá criança e pá mãe. Eu sei que o parto não tem hora, é a mudança da lua que vai dizê o prazo e a hora certa, mas isso não é igual ao relógio da F. (professora da escola; única a ter relógio lá) que manda todo dia ela ir lá prá escola quano os pauzinho chega num lugá lá, e tem de ficá lá até ele mandá ela ir embora de novo. Fico pensano ... será que se ela saí desse prazo os pequeno num aprende?"<sup>27</sup>

Os moradores mais antigos da comunidade compartilham da idéia de que as atividades cotidianas das pessoas devem acompanhar o ritmo e o ciclo da natureza. O resultado de qualquer ofício depende desse equilíbrio.

"Eu acho a ocupação das professora na escola (Dona M. está se referindo às professoras da escola municipal implantada na Barra) a pior coisa prá se fazê ... eu nunca ensinei nada a ninguém, mas elas tem de ensiná

as criança a lê e escrevê, e ensiná a leitura deve sê custoso, prá elas e pros pequeno; o pió é que as criança só tem elas duas (professoras) prá escolhé com quem vai aprendê, cada uma se ocupa com um grupo diferente de criança e é cada uma numa hora diferente porque só tem um lugá prá ensiná. Eu penso que é sofrido prá elas, basta vê que vira e mexe uma criança sai prá fora da escola, vai fazê ou brincá de uma coisa muito diferente de escrevê."<sup>27</sup>

Seu depoimento questiona a forma de se encaminhar as atividades, que considera árduas, na escola. O resultado dessa incompatibilidade entre a forma e o conteúdo do ensino e a necessidade das crianças acaba levando-as para outras atividades.

"Aqui tem pai e mãe esperano os fio aprendê a leitura; pensa que se eles aprendê vai tê jeito de podê lidá coa vida custosa; elas acha que esses fazendeiro que estão rondando nossa terra, quereno tomá ela do povo daquí, vão tratá de modo diferente se sabe a leitura. Eu nunca entendi a cabeça de uma pessoa que arruma ocupação prá um minino pequeno e deixa ele sem tê um prazo, sem vontade, porque aprendê os minino aprende o que quisé, mas podia arrumá um jeito melhor coa professora."<sup>27</sup>

Dona M. toca aqui num ponto importante: a crença de muitos pais de que o aprendizado da leitura e da escrita pode servir de arma de defesa contra os fazendeiros. Mas ainda acha que a escola não encontrou o melhor jeito de ensinar as crianças.

"Eu não tenho leitura nenhuma, mas acho que é um trem muito custoso para aprendê a lê, é preciso tê muito prazo dentro da cabeça; cada vez que chega o Natal, as criança tem que sabê um pouco de coisa, se não elas tem que fazê tudo de novo do mesmo jeito e esperá o o Natal prá passá pras otas folha do livro, não pode sê antes ... isso é muito isquisito, eu num penso que vai dá em muita coisa essa escola não. Deixá os piqueno fechado, sem gosto desse jeito é capaz de fazê os coitado ficá meio passado do jeito deles (perdendo o jeito). Porque uma coisa desse tipo só pode tirá o tipo da pessoa."<sup>27</sup>

A crítica é tão dura, que ela chega a afirmar que a escola, em vez de ajudar a criança a enfrentar seus problemas, pode até atrapalhar, mudando "seu tipo". Nesse sentido, explica a depoente, a criança acaba não aprendendo a ler nem escrever e ainda perde parte da capacidade já conquistada de lidar com sua própria realidade.

"A escola é uma coisa sem rumo prá eles. Os minino

fica muito tempo do dia e ainda leva coisa prá fazê fora de lá, vai vê o prazo é pouco; eu fico pensano que a gente deve fazê aquilo que o prazo dá conta. Eles vão prá escola de corpo muito mole, e os que começa indo mais acorçoado (disposto) gasta poco prazo prá perdê a toada. Quano tá mais pequeno ainda as criança vai sem pará uns dia, mas basta pegá um tamanhozinho, começano entendê mais as coisa prá quase largá isso prá lá. Dos meus fio só um quis ir lá; ele conta que prá aprendê uma coisinha de nada, gasta um bruta prazo, e ainda acha custoso e à toa. A F. dizia prá eles que aprendê é bom prá pessoa. Eu num tenho leitura e tenho pouca fé nessas coisa. Cumo é que uma coisa ruim e custosa de fazê pode sê boa prá pessoa, isso pode até estrangulá o juizo da pessoa. Ainda mais prá quem começa novinho, antes de fazê as coisa que a meninada tem de fazê. Gente tem que bestá (ficar à toa, brincar despreocupado) muito antes de topá um cabresto e enfiá a cara dentro dele. Tem uns até que aprende a desviá dele mas isso num é fácil".<sup>27</sup>

Dona M., assim como diversas outras pessoas da Barra, atribuem pouco valor à escola. Acham que as pessoas perdem muito tempo e não aprendem as coisas de maior necessidade na vida.

Dona M. conclui: "Aqui tem pocos que sabe a leitura de

lê e escrevê, tem uns que só sabe escrevê mas num lê. Tem vez que aparece uns escrito, vindo coa irmã, lá da igreja. Junta os que sabe lê em roda do escrito, mas, depois que acaba, ninguém entendeu o lido, nem os que escutava nem os que tava lido. Eu penso... que num tem pricisão de ensiná as criança a lê as coisa que num conhece, porque num pode que uma pessoa dá conta de sabê comprendê tudo que lê. Mesmo o Dom padre e o dotor lá do sindicato, eles vive falano sozinho, sem a gente entendê quase nada prá podê dá conversa prá eles e sabe que até hoje eles, já grandão, num sabe achá um ramo que presta prá curá dor de barriga, num sabe separá fruta braba da boa de matá fome. Desse jeito poco adianta; sabê matá a fome qualqué bicho sabe, num gasta sé nem gente".<sup>27</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa -- envolvendo conceitos inerentes a áreas de conhecimento distintas, mas não distantes, como Educação e Antropologia -- sobre a implantação de um escola numa comunidade semi-isolada, nos coloca diante de algumas questões básicas da Educação e dos processos de escolarização e alfabetização.

Respondê-las não foi o objetivo deste trabalho, mas levantá-las. Embora algumas constatações estejam aparentemente restritas às condições diferenciadas de uma cultura específica, podem ser extrapoladas para um universo mais amplo. No mínimo, podem servir de alerta ou reflexão, como subsídio enfim para a elaboração de propostas educacionais, que muitas vezes pecam por subestimar a importância de se conhecer, antes de mais nada, o ambiente cultural onde se pretende interferir. O que poderiam ensinar ao educador erudito "sujeitos roceiros dos sertões", atores aparentemente "distantes e estranhos"? São, "a seu modo, nossos iguais em artes e ofícios"<sup>48</sup>

Distribuída pelas entrelinhas deste trabalho, outra questão fundamental, frequentemente contornada com distância por educadores, é a importância ou a finalidade da educação escolar, avaliada do ponto de vista dos futuros educandos. A pressa em alfabetizar pode responder a exigências justas e éticas, mas quase sempre encara os alfabetizandos como seres amorfos aos quais sumariamente se atribui o desejo de serem alfabetizados.<sup>49</sup>

A escola enquanto instituição veicula e legitima um saber. Entre o povo da Barra, esse saber é de duvidosa utilidade, se considerarmos que o seu principal problema é a manutenção da posse da terra. Por que participar de um sistema escolar criado e controlado por um sistema político dominante, onde a educação é determinada fora do poder de controle comunitário dos seus praticantes, educandos e educadores diretos?<sup>50</sup> "Não é raro que ... a fala que idealiza a educação esconda, no silêncio do que não diz os interesses que pessoas e grupos têm para os seus usos".<sup>51</sup>

Na Barra da Arroeira, com certeza não é o trabalho comunitário, estimulado pela Igreja, ou a implantação de uma escola que vai resolver seus problemas mais graves -- o povo da Barra considera mais graves -- ligados à posse da terra e à sua própria sobrevivência enquanto cultura e mesmo enquanto pessoas.

Na verdade, hoje os moradores da Barra já se dividem em dois grupos na forma de encarar a implantação da escola. Os que participam mais ativamente das atividades ligadas à Igreja e ao Sindicato, consideram a alfabetização um instrumento de defesa contra os que tentam lhes tomar as terras. Acham que as pessoas letradas serão mais respeitadas. Mas não estão certos de que a escola possa lhes ajudar, em última instância, a garantir a posse das terras.

Já o outro grupo, composto por uma maioria de pessoas mais velhas, não espera qualquer benefício de uma escola. Ao contrário, associam o processo iniciado na Barra ao de localidades vizinhas, onde a implantação da escola abriu as portas

para a entrada de uma grande leva de "estranhos". Sem contar que sequer foram convencidos ainda da utilidade prática -- a praticidade é uma característica que permeia todas suas atividades -- de uma escola, que até agora, segundo eles, não ensinou nada de útil às suas crianças. O Sr. P. resume o pensamento desse grupo: "... nunca nós precisamos de nada de fora e vivemos; depois começamos entrar gente com outras ideias; aí nós nunca mais deitamos a cabeça e dormimos sossegados ...".<sup>27</sup>

Prova maior desse desassossego imposto à vida desse povo foram as modificações introduzidas na arquitetura e na distribuição das casas, descritas no capítulo II da primeira parte. Muitas casas se aglutinaram num núcleo habitacional e ganharam mais paredes externas.



## NOTAS

1. TURNER, Victor W., O Processo Ritual, Editora Vozes, Petrópolis 1974, p.48.
2. BRANDÃO, Carlos Rodrigues, Diário de Campo - A Antropologia Como Alegoria, Editora Brasiliense, 1982, p. 11-13.
3. EZPELETA, Justa, Pesquisa Participante, Editora Cortez, São Paulo, 1989, p.33-39.
4. MEAD, Margaret, Educacion y Cultura, Editora Paidós, Buenos Aires, 1972.
5. Aroeira - árvore de madeira de lei.
6. MOURA, Margarida M., Os Herdeiros da Terra, Editora Hucitec, São Paulo, 1978, p. 32.
7. Trempe - conjunto de três pedras sobre o qual se assenta, ao fogo, a panela.
8. Buriti - uma espécie de palmeira nativa da região.
9. Ganga - variedade de algodoeiro de fibras pardas.
10. Taboca - uma espécie de bambú.
11. Fala de Dona F., membro do grupo, durante uma das reuniões do Sindicato. Ela é muitas vezes escolhida como representante da comunidade nas reuniões do Sindicato Rural realizadas fora da Barra da Aroeira. É bastante visível o respeito pela sua autoridade de conselheira, tanto do grupo em geral, quanto dentro do seu próprio núcleo familiar. (Diário de Campo, 1987/91)
12. Rancho - casa simples, em geral feita de madeira e coberta com palhas.
13. ANDRADE, Maristela P., Terra dos Índios, Relatório para Exame de Qualificação de Doutorado, São Paulo, 1989, p. 52.
14. Fala do Sr. J., membro do grupo, durante uma das reuniões do Sindicato. É um dos poucos homens da comunidade a se manifestar durante as reuniões sindicais e faz parte do grupo, quase só de mulheres, mais ativo politicamente. É uma das pessoas mais descrentes em relação aos benefícios que possam ser trazidos pelo contato com o mundo exterior. (Diário de Campo, 1987/91)
15. Pau-a-pique - parede feita de ripas ou varas entrecruzadas e barro.

16. ARIES, Philippe, História Social da Criança e da Família, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981, p. 265

17. QUEIROZ, Maria I. P., Bairros Rurais Paulistas, Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1973.

18. Fala de Dona F., membro do grupo (veja nota 11), durante o mutirão de fiação do algodão. (Diário de Campo, 1987/91)

19. Bacaba - designação regional de uma palmeira que dá cocos, dos quais faz-se alimentos bastante parecidos com o leite, o queijo e a coalhada.

20. Farinha de puba - farinha de mandioca grossa.

21. Tapiti ou tipiti - um canudo feito de palha trançada, onde se coloca a massa da mandioca ralada. Depois de cheio, pode-se prensar a massa até que fique totalmente seca, pronta para ser torrada.

22. Quarta - um tipo de caixote feito de palha trançada, resistente e muito bem vedado, capaz de comportar até 80 litros de um produto.

23. Piaçaba - uma espécie de palmeira resistente e própria para cobrir casas; é nela que as onças costumam repousar.

24. Barrileiro - uma espécie de coador ou filtro, onde se destila a cinza da casca ou madeira de árvores queimadas. O líquido resultante é um tipo de soda cáustica caseira.

25. Decoada - um tipo de soda cáustica caseira utilizada para fazer o sabão espumar e tirar os resíduos de sujeira da roupa.

26. Mão de pilar - pedaço de madeira roliça e pesada, usada para socar arroz, café etc. no pilão.

27. Diário de Campo, 1987/91.

28. RIBEIRO, Darcy, Revista Psicologia Atual, Ano I, No. 4, s/d, p. 45.

29. Sambaíba - árvore do cerrado, cujas folhas, largas e ásperas, são usadas como lixa.

30. Cofó - uma espécie de bolsa, de boca muito estreita, para se usar a tiracolo, feita de um única folha trançada de buriti.

31. GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978, p. 103-104.

32. Jirau - armação de madeira em forma de estrado ou palanque.

33. Brejo - designação regional de um rio ou córrego.
34. Manuê - espécie de rapadura macia.
35. ARIES, op. cit., 1981, p. 230 a 231.
36. Fala de Dona A., moradora da Barra. Ela participa ativamente de todas as atividades promovidas pela Igreja, como mutirões, roça e horta comunitária, como também das reuniões do Sindicato dentro da Barra. (Diário de Campo, 1987/91)
37. Fala de Dona M., moradora da Barra. Como Dona A., também participa ativamente das atividades promovidas pela Igreja e das reuniões do Sindicato dentro da Barra. (Diário de Campo, 1987/91)
38. BRANDÃO, C. R., O que é Educação, Col. Primeiros Passos, Editora Brasiliense, São Paulo, 1981, p. 10 a 15.
39. OLIVEIRA, Miguel D. e OLIVEIRA, Rosiska D., Reflexões sobre Educação, Texto avulso.
40. SMOLKA, Ana L. B., Cadernos CEDES, Editora Cortez, São Paulo, 1989, p. 43.
41. LEONTIEV, Alexis, O Desenvolvimento do Psiquismo, Horizonte Universitário, Lisboa, s/d, p. 265 a 270.
42. I. é uma mulher jovem, que sabe falar com desenvoltura. Participa ativamente da vida social e política da comunidade, organizando, por exemplo, mutirões de fiação, a horta comunitária, e representando o grupo em reuniões do Sindicato fora da Barra. Tem uma visão bastante crítica em relação ao papel da Igreja e do Sindicato na comunidade, mas é cuidadosa com as palavras em seus depoimentos. (Diário de campo, 1987/91)
43. CANETTI, Elias, Massa e Poder, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1983, p.328.
44. LIBANELO, J. C., Revista ANDE, Ano 5, No. 11, 1986, p. 5 a 10.
45. KRAMER, Sonia, Revista ANDE, Ano 5, No. 10, 1986, p. 37.
46. Tingui - árvore comum nos cerrados, cujas sementes contêm óleo.
47. Coité - uma espécie de cuia, feita de cabaça, que serve como "prato" para se tomar sopa.
48. BRANDÃO, C. R., Casa de Escola, Papirus, Campinas, 1983, p.15.

49. GNERRE, Maurizio, Linguagem, Escrita e Poder, Editora Martins Fontes, São Paulo, 1985, p. 45.

50. BRANDÃO, op. cit., 1981, p. 98.

51. BRANDÃO, op. cit., 1981, p. 60.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem, A Gestação do Futuro, Campinas, Papiros, 1986.
- ANDRADE, Maristela P., Terra dos Índios, Relatório para Exame de Qualificação de Doutorado, São Paulo, 1989.
- ARANTES, Antonio Augusto, O Que é Cultura Popular, Col. Primeiros Passos, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- ARIES, Philippe, História Social da Criança e da Família, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981.
- BARTH, Frederik (org), Ethnic Groups and Boundaries, Boston, Little, Brown & Co., 1970.
- BRANDÃO, Carlos R., A Educação como Cultura, São Paulo, Brasiliense, 1984.
- BRANDÃO, Carlos R., Pesquisa Participante, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, Carlos R., Repensando a Pesquisa Participante, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, Carlos R., O que é Educação, Col. Primeiros Passos, São Paulo, Brasiliense, 1981.
- BRANDÃO, Carlos R., Casa de Escola, Campinas, Papyrus, 1983.
- BRANDÃO, Carlos R., Diário de Campo - A Antropologia como Alegoria, São Paulo, Brasiliense, 1982.
- CALDEIRA, T. P. do Rio, A presença do Autor e a Pós-Modernidade em Antropologia, Novos Estudos Cebrap, 21 de julho de 1988.

- CALDEIRA, T. P. do Rio, A Política dos Outros, Brasiliense, São Paulo, 1984.
- CANDIDO, A., Os Parceiros do Rio Bonito, Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1971.
- CANETTI, E., Massa e Poder, São Paulo, Melhoramentos, 1983.
- CARDOSO, Ruth (org), A Aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- CARDOSO, R. et Alii, Pós-Modernidade. Ed. da UNICAMP, Campinas, 1987.
- COLSON, Elizabeth, The Intensive Study of Sample Communities, London, Tavistock, 1967.
- COPANS, J. et Alii, Antropologia: Ciência das Sociedades Primitivas, Perspectivas do Homem, Lisboa, Edições 70, 1984.
- CUNHA, Manuela C. da, Antropologia do Brasil, São Paulo, Brasiliense / Edusp, 1986.
- DAMMATA, Roberto, O Que Faz o Brasil, Brasil?, Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
- DUMONT, L., O Individualismo. Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna, Rocco, Rio de Janeiro, 1985.
- EZPELETA, Justa, Pesquisa Participante, São Paulo, Editora Cortez, 1989.
- FIRTH, Raymond, Elementos de Organização Social, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974.
- FOUCAULT, Michael, Vigiar e Punir, São Paulo, Ed. Vozes, 1984.

- FOUCAULT, Michael, Os Corpos Dóceis, São Paulo, Ed. Vozes, 1984.
- GALVÃO, E., Santos e Visagens: Um Estudo da Vida Religiosa, Coleção Brasil, vol. 284, São Paulo, 1955.
- GEERTZ, Clifford, A Interpretação da Cultura, Rio de Janeiro, Zahar, Editores, 1980.
- GNERRE, Maurizio, Linguagem, Escrita e Poder, Editora Martins Fontes, São Paulo, 1985.
- GUILDI, M. L. M., Elementos de Análise dos "Estudos de Comunidade", Rev. Educação e Ciências Sociais, vol. 10, n° 19, CBPE, Rio de Janeiro, 1962.
- GOFFMANN, Erving, Estigma, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.
- GOMES, J., A Educação nos Estudos de Comunidade no Brasil, Rev. Educação e Ciências Sociais, vol. 1, n° 2, CBPE, Rio de Janeiro, 1956.
- HELD, Jaqueline, O Imaginário no Poder, São Paulo, Summus Ed., 1980.
- HINDESS, B. HIRST, P., Modo de Produção e Formação Social, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- KUMU, Umuúsin Panlõn & KENHI'RI, Tolamãñ, Antes o Mundo não Existia, São Paulo, Cultura, 1980.
- IANNI, O., Estudo de Comunidade e Conhecimento Científico, Revista de Antropologia, vol. 9, n° 1, junho e dezembro, 1961.
- KAMII, Constance, A Criança e o Número, Campinas, Papirus, 1984.
- KRAEER, Sonia, Revista ANDE, Ano 5, No. 10, 1986.

- KUPER, A., *The Invention of Primitive Society*, Routledge, London, and NY, 1988.
- LEONTIEV, Alexis, *O Desenvolvimento do Psiquismo*, Horizonte Universitário, Lisboa, s/d.
- LEVY-STRAUSS, Claude, *Antropologia Estrutural II*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.
- LEVY-STRAUSS, Claude, *A Oleira Ciumenta*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.
- LEVY-STRAUSS, Claude, *O Campo da Antropologia*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.
- LIBANEO, J. C., *Revista ANDE*, Ano 5, No. 11, 1986.
- MARTINS, J. e outros (org.), *Temas Fundamentais de Fenomenologia*, São Paulo, Editora Moraes, 1984.
- MAUSS, Marcel, *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, Epu/Edusp, 1974, 2 vol.
- MAUSS, Marcel, *As Técnicas do Corpo*, São Paulo, Epu/Edusp, 1974.
- MALINOVSKI, Bronislaw, *Argonautas do Pacífico Ocidental*, São Paulo, Abril Cultural, Col. Os Pensadores, 1978.
- MALINOVSKI, Bronislaw, *Introdução, Tema, Método e Objetivo da Pesquisa*, São Paulo, Abril Cultural, Col. Os Pensadores, 1978.
- MEAD, Margaret, *Educacion y Cultura*, Buenos Aires, Editora Paidós, 1972.
- MEAD, Margaret, *Macho e Fêmea*, Petrópolis, Editora Vozes, 1971.
- MEAD, Margaret, *Adolescência e Cultura em Samoa*, Buenos Aires, Editora Paidós, 1961.



- REDFILED, R., The Folk Culture of Yucatan, The University of Chicago Press, Chicago and London, 1968.
- REDFILED, R., The Little Community Peasant Society and Culture, The University of Chicago Press, Chicago and London, 1969.
- RIBEIRO, Darcy, Revista Psicologia Atual, Ano I, No. 4, s/d.
- RUBEM, Guilherme R., O Que é Nacionalidade, Col. Primeiros Passos, São Paulo, Brasiliense, 1984.
- SAHLINS, Marshal D., Sociedades Tribais, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.
- SANTOS, José Luiz dos, O Que é Cultura, Col. Primeiros Passos, São Paulo, Brasiliense, 1986.
- SHIRLEY, R., O fim de Uma Tradição, Perspectiva, São Paulo, 1977.
- SIGAUD, L., Os Clandestinos e os Direitos, Duas Cidades, São Paulo, 1979.
- SMOLKA, Ana L. B., Cadernos CEDES, Editora Cortez, São Paulo, 1989.
- SOARES, Luiz Eduardo, Campesinato: Ideologia e Política, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.
- TURNER, Victor W., O Processo Ritual, Petrópolis, Ed. Vozes, 1974.
- VELHO, Gilberto, Individualismo e Cultura, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.
- VYGOTSKY, L. S., A Formação Social da Mente, São Paulo, Ed. Martins e Fontes, 1984.
- WAGLEY, C., Uma Comunidade Amazônica: Estudo do Homem nos Trópicos, Col. Brasiliana, vol. 290, Nacional, São Paulo, 1977.

WAGLEY, C., Estudos de Comunidade no Brasil, sob Perspectiva Nacional, Sociologia, vol. 16, n° 2, São Paulo, 1954.

WILLENS, E., Cunha, Tradição e Transição em uma Cultura Rural do Brasil, Difusão Européias do Livro, São Paulo, 1961.

WOLF, Eric, Sociedades Camponesas, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.

WORTMAN, k., A Antropologia Brasileira e os Estudos de Comunidade, Universitas, n° 11, Salvador, jan/abr 1972.